



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

PEDRO MIGUEL DE OLIVEIRA ARAÚJO

**A BELEZA MUSICAL E O SENTIDO RELIGIOSO DO
HOMEM,**

UM CONTRIBUTO DE LUIGI GIUSSANI.

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor João Roque de Pinho Norton de Matos

Lisboa
2024

*Antes do alvorecer
na espera vigiamos:
tudo se cala e canta,
no silêncio, o Mistério.*

*O nosso olhar procura
na densa noite um Rosto:
na alma a Deus se eleva
mais puro o desejo.*

*Já se retira a sombra,
cedendo à luz que avança;
Floresce a esperança
do dia que não morre.*

*Em breve a nova aurora
nos encherá de luz
a Tua misericórdia,
ó Pai, nos dê a vida.*

*E este novo dia,
que a aurora nos desvela,
dilata em todo o mundo
o reino do Teu Filho.*

*E a Ti, ó Pai Santo,
e ao Teu Verbo eterno,
ao Amor infinito,
louvor se dê para sempre.*

Amen.¹

¹ Hino da oração de Laudes do Tempo Comum, cuja autoria pertence às Monjas Trapistas de Vitorchiano. O mesmo hino é usado pelos membros do Movimento Comunhão e Libertação nas Laudes de 5ª feira.

ÍNDICE

RESUMO.....	5
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	6
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: LUIGI GIUSSANI, UM EDUCADOR.....	10
1. Um breve itinerário biográfico.....	10
1.1. <i>Da infância ao seminário.....</i>	<i>10</i>
1.2. <i>O percurso do seminário.....</i>	<i>12</i>
1.3. <i>Os primeiros anos de sacerdócio.....</i>	<i>14</i>
1.4. <i>O valor da amizade.....</i>	<i>15</i>
2. O interesse pela educação.....	16
2.1. <i>A experiência da Gioventù Studentesca.....</i>	<i>16</i>
2.2. <i>As aulas de religião no Liceu Berchet.....</i>	<i>17</i>
2.3. <i>O nascer d'O Sentido Religioso.....</i>	<i>19</i>
3. O Sentido Religioso: um método educativo.....	21
3.1. <i>Premissas metodológicas.....</i>	<i>22</i>
3.1.1. <i>Realismo.....</i>	<i>22</i>
3.1.2. <i>Razoabilidade.....</i>	<i>23</i>
3.1.3. <i>Moralidade.....</i>	<i>25</i>
3.2. <i>O ponto de partida para o sentido religioso.....</i>	<i>26</i>
3.3. <i>A natureza do sentido religioso.....</i>	<i>28</i>
3.4. <i>O despertar das perguntas últimas.....</i>	<i>29</i>
CAPÍTULO 2: A PROCURA DA BELEZA COMO FATOR DECISIVO	32
1. A via pulchritudinis: perspetivar sobre a teologia da beleza.....	32
1.1 <i>O vínculo entre estética e vida interior: dois contributos relevantes.....</i>	<i>32</i>
1.1.1. <i>Da interioridade à ordem: a estética de Santo Agostinho.....</i>	<i>32</i>
1.1.2. <i>O convite à contemplação: a estética em São Boaventura.....</i>	<i>35</i>
1.2 <i>Hans Urs von Balthasar, uma estética cristológica.....</i>	<i>37</i>
1.2.1. <i>O «Todo no Fragmento».....</i>	<i>37</i>
1.2.2. <i>A forma como encarnação da Beleza.....</i>	<i>39</i>
1.2.3. <i>Cristo, o paradigma da beleza.....</i>	<i>39</i>

1.3. Luigi Giussani.....	41
1.3.1. O desejo que nos habita.....	41
1.3.2. A beleza enquanto sinal.....	42
1.3.3. Cristo, a Beleza infinita.....	43
2. A música: uma linguagem da beleza cristã.....	45
2.1. A música nas origens do Cristianismo.....	45
2.2. A importância do Canto Gregoriano.....	46
2.3. O vínculo ao Mistério.....	48
CAPÍTULO 3: A MÚSICA COMO EXPRESSÃO DO FASCÍNIO PELO BELO.....	50
1. A beleza e a música, uma perspectiva de Joseph Ratzinger.....	50
1.1. A beleza, uma premissa para a verdade.....	50
1.2. A música, uma ascensão para Deus.....	52
2. A música como forma de Encontro, um desejo de Don Giussani.....	53
2.1. «Spirto Gentil», um despertar total.....	53
2.1.1. O clamor de Chopin, um símbolo da vida.....	54
2.1.2. Beethoven e a modalidade excepcional.....	55
2.1.3. A concentração cristológica em Mozart.....	56
2.1.3.1. Jesus Cristo: o olhar misericordioso de Deus.....	57
2.1.3.2. A Presença que salva.....	59
2.2. O mistério da música e o rosto de Cristo.....	60
2.3. A música, a máxima expressão: um povo que canta.....	62
CONCLUSÃO.....	66
BIBLIOGRAFIA.....	70
ANEXO I.....	77

RESUMO

Monsenhor Luigi Giussani (1922-2005) procurou em toda a sua vida um encontro total com Aquele que nos fez o coração e que, em cada instante, nos chama ao amor, à felicidade, à verdade, à beleza. Aponta assim para o Mistério de Deus, que é também o mistério do mundo e o mistério do Homem. O homem que traz inscrito no íntimo de si mesmo um sentido religioso como curiosidade pelo Mistério e desejo de eternidade. Giussani empenha-se em oferecer um método que permita ao Homem satisfazer tais anseios, e intui que o contacto com a realidade poderá ser o meio eficaz, particularmente pela via da beleza e da música. Através da sua paixão pela música, e pelo sentido religioso da música, o autor mostra como esta pode ser, por afinidade e analogia, um pórtico para o Mistério de Deus, e a beleza do Verbo encarnado em Jesus Cristo.

PALAVRAS-CHAVE

Coração humano, Desejo, Sentido Religioso, Mistério, Realidade, Beleza, Música, Encontro, Beleza encarnada, Afinidade, Afeição a Jesus Cristo.

ABSTRACT

Monsignor Luigi Giussani (1922-2005), all his life, sought an absolute encounter with Him who made our hearts and Him who calls us to love, happiness, truth, and beauty. Thus, the author points to the Mystery of God which is also the mystery of the world and the mystery of Man. In his personal inmost, Man brings a religious sense as a curiosity about the Mystery and desire for eternity. Giussani strives to offer a method that allows the Man to fulfil these yearnings and foresees that contact with reality might be the efficient means, particularly in the case of beauty and music. Through his passion for music and its religious sense, the author shows how, through affinity and resemblance, it may be a gateway to the Mystery of God and the beauty of the Word in Jesus Christ incarnate.

KEYWORDS

Human Heart, Desire, Religious Sense, Mystery, Reality, Beauty, Music, Encounter, Beauty Incarnate, Affinity, Affection for Jesus Christ.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Livros Bíblicos

Gn	<i>Livro dos Génesis</i>
Nm	<i>Livro dos Números</i>
Jos	<i>Livro de Josué</i>
Job	<i>Livro de Job</i>
Sl	<i>Livro dos Salmos</i>
Eclo	<i>Livro do Eclesiástico</i>
Mt	<i>Evangelho segundo São Mateus</i>
Jo	<i>Evangelho segundo São João</i>
At	<i>Livro dos Atos dos Apóstolos</i>
Rm	<i>Carta aos Romanos</i>
2 Cor	<i>Segunda Epístola aos Coríntios</i>
Ef	<i>Carta de São Paulo aos Efésios</i>
Col	<i>Epístola aos Colossenses</i>
Hb	<i>Carta aos Hebres</i>
Tg	<i>Carta de São Tiago</i>
1 Jo	<i>Primeira Carta de São João</i>
Ap	<i>Livro do Apocalipse</i>

Documentos do Magistério

<i>AAS</i>	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
<i>CEC</i>	Catecismo da Igreja Católica
<i>CV</i>	Bento XVI, Carta Encíclica <i>Caritas in Veritate</i>
<i>DC</i>	Bento XVI, Carta Encíclica <i>Deus Caritas est</i>
<i>FR</i>	João Paulo II, Carta Encíclica <i>Fides et Ratio</i>
<i>GS</i>	Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
<i>MC</i>	Pio XII, Carta Encíclica <i>Mystici Corporis</i>

Outras siglas e abreviaturas

a.	artigo
q.	questão
co.	responde que
CL	Comunhão e Libertação
K.	<i>Köchel</i> (inventário das obras de Wolfgang Amadeus Mozart)
Op.	<i>Opus</i>

INTRODUÇÃO

Monsenhor Luigi Giussani, fundador do Movimento católico Comunhão e Libertação, foi um pai e mestre que, através da sua genialidade teológica e, sobretudo, pedagógica, procurava transmitir às gentes a paixão que trazia dentro de si: Jesus Cristo como a realização do Homem. Para ele, Cristo é o centro unificador de toda a realidade, «é a resposta a todas as perguntas humanas, é a realização de todo desejo de felicidade, bondade, amor e eternidade presente no coração humano».² Ao olhar para toda a sua vida – e também para todo o seu carisma que nos chegou através de uma experiência eclesial –, é possível vislumbrar aquela certeza que o saudoso Papa Bento XVI, seu amigo e contemporâneo, aclamava: «ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo» (DC 1).

Todavia, Giussani acredita que por meio da beleza, concretamente através da beleza musical, é possível o encontro com Cristo: com o Deus da revelação cristã que verifica, esclarece e educa o sentido religioso do Homem. Para este autor, que viveu intensamente a segunda metade do século XX, e comungou verdadeiramente das preocupações do II Concílio do Vaticano – sobretudo, no que concerne à Antropologia teológica esclarecida na Cristologia –, o Mistério da Encarnação do Verbo pode ser compreendido – abraçado, inclusive –, na medida em que o ser humano, portador de um coração sedento do Infinito, se deixa interpelar mediante um sério contacto com a música, uma realidade criada e participante da Criação divina.

Esta dissertação, realizada no âmbito da conclusão do Mestrado Integrado em Teologia, incide, portanto, na relação entre a beleza musical e o sentido religioso do Homem, uma questão que nos interessa por dois motivos: por um lado, por termos nascido num ambiente propício à educação musical, que, com o tempo, foi pautado pelo interesse de conciliar a música com a glorificação de Deus e o serviço à Igreja; por outro, o impacto que a escuta musical bem como a introdução à noção de beleza no seio do Movimento CL repercutiram em nós e nos fizeram chegar a um maior conhecimento d’Aquele que é o nosso Deus. Por isto, aquando da escolha do tema, despertaram-nos algumas perguntas que encabeçam e fomentam tudo o que nos propusemos escrever: «Como é que o Homem pode chegar até Deus através da música? Como pode a música fazer-nos alcançar um maior relacionamento com Cristo?». E é precisamente

² Papa Francisco, «Discurso aos membros do Movimento Comunhão e Libertação» (2022), acedido a 15 de outubro de 2023, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/october/documents/20221015-comunioneeliberazione.html>.

sob este contexto que surge este trabalho que, partindo da perspectiva do autor em estudo, visa responder a tais interrogações. Para tal, seguimos um percurso dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, começamos por uma abordagem biográfica do autor. Esta contextualização histórica, baseada numa obra auxiliar utilizada ao longo de toda exposição escrita – *Luigi Giussani, a Sua Vida* –, e que percorre desde a sua infância ao tempo enquanto professor no Liceu *Berchet*, passando pela experiência de formação humana, espiritual e teológica no seminário, permite-nos ter uma visão periférica sobre o porquê de Giussani se preocupar com o sentido religioso existente no coração de cada Homem. Num segundo momento, e seguindo uma das obras principais do autor – *O Sentido Religioso* –, entramos, então, naquele que é o ponto de partida para o objeto do nosso estudo. Este livro, que se apresenta como pórtico para uma magnífica trilogia, faz-nos descobrir uma profunda reflexão que brota da proposta educativa do autor de comunicar, a partir da experiência da própria humanidade, a racionalidade do «Facto Cristão» como resposta à intuição da existência de algo maior, do Mistério. Preocupado com a redução do Cristianismo a uma prática meramente exterior que, longe de incidir na realidade, se via esgotar no sentimentalismo, procura mostrar ao Homem do seu tempo o «modo apaixonado de garantir a clareza e de iluminar em todos os seus aspetos a racionalidade do Cristianismo».³ Através de um método específico, procura mostrar que o Cristianismo é uma possibilidade face ao desejo mais profundo do Homem porque é capaz de responder racionalmente: Deus, ao revelar-Se no espaço e no tempo, e apresentando-Se como fator da experiência humana, possibilita que a razão dialogue com o Infinito.

E porque a tradição cristã apresenta a beleza como um meio para alcançar o Mistério, na primeira parte do segundo capítulo procuramos sintetizar qual o significado de beleza a partir de algumas conceções. De facto, a beleza é ousada e faz-se presente de diversas formas e modos: na interioridade do próprio coração, na Criação, mas também no próprio Cristo Jesus. Portanto, procuramos admitir a beleza como uma linguagem e sinal capaz de dar a conhecer o Mistério através da Pessoa de Jesus Cristo, a Beleza infinita. Numa segunda parte, e na senda da introdução à estética e à beleza artística, apresentamos aquele que é um dos meios específicos que a arte utiliza há séculos para ajudar na compreensão do mistério cristão: a música.

Por fim, após mencionarmos a música como, por excelência, a «arte de relação» com o Mistério, intentamos, pois, interligá-la ao entendimento de «beleza». Neste terceiro capítulo, a música aparece como expressão de alguém que está fascinado pela Beleza encarnada; desponta

³ Luigi Giussani, *O Sentido Religioso* (Lisboa: Verbo, 2000), 6.

como forma de alguém se encontrar com Cristo. Neste sentido, e uma vez que o autor não apresenta considerações teóricas sobre o tema, tomaremos aplicações práticas. Não tendo o objetivo de apresentar um modelo sistematizado – porque não há qualquer obra do autor que aborde somente o papel da música para a fé cristã –, tentamos entender a importância da música, ou da beleza musical, a partir de alguns comentários a trechos musicais de compositores clássicos que o autor nos oferece na coletânea *Spirto Gentil* – um conjunto de textos que brotam de uma leitura profunda da grande música através das reflexões pessoais de Luigi Giussani.

Assim, ao trilhar este caminho, procuramos conhecer a história de um homem que teve a oportunidade de reconhecer na música um modo privilegiado de perceber a beleza como esplendor da verdade e como um desvelar do rosto da Pessoa de Cristo.

Feita a introdução, aproveitamos ainda a ocasião para tecer um sincero agradecimento a todos os que nos incentivaram e ajudaram a levar a bom termo este estudo. Primeiramente, ao Cónego Doutor João Seabra que, mesmo perto da hora de partir para a Casa do Pai, insistiu fervorosamente para a escolha deste tema; ao Padre Doutor João Norton de Matos, nosso orientador, por todo o acompanhamento ao longo do processo de redação bem como por todo o seu conhecimento estético, teológico e espiritual; ao Padre Paolo Di Gennaro, ao Padre Raffaele Cossa, ao Padre Luis Miguel Hernández e ao Padre Francesco Babbi que nos deram a conhecer de perto a obra e o carisma do Monsenhor Luigi Giussani; aos amigos Padre Doutor João Vergamota, Leonor Gonçalves, Inês Gonçalves, Margarida Grilo, Afonso Sampaio Soares, Diácono Lourenço Abecasis de Carvalho, Rafael Oliveira, Diogo Fernandes, António Pedro Barreiro, Tomás Virtuoso, Pedro Cortegaça, João Maia e Santiago Villalôbos, que mostraram interesse em colaborar na revisão, formatação e correção desta dissertação; ao Seminário Maior de Cristo-Rei dos Olivais, alunos e respetiva equipa formadora; por último, e não menos importante, aos nossos pais, pelo incansável apoio.

Para efeitos metodológicos, informamos ainda que todas as citações seguem a grafia original presente nas várias obras.

CAPÍTULO 1: LUIGI GIUSSANI, UM EDUCADOR

1. Um breve itinerário biográfico.

1.1. Da infância ao seminário.

É na pequena cidade de Desio, situada na região da Lombardia, que, no dia 15 de outubro de 1922, nasce Luigi Giovanni Giussani. Filho de Beniamino Giussani, desenhador e ebanista de profissão, e de Angelina Gelosa, na altura, operária têxtil, é o mais velho de cinco irmãos, três raparigas e dois rapazes.⁴ É também em Desio, perto de Milão (Itália), que *Gigi* ou *Gigetto*,⁵ assim conhecido entre a família, passa a sua infância, frequentando a escola primária e dando os primeiros passos de vida cristã.⁶

A figura dos seus pais, que tanto marcam a sua vida, é constantemente recordada. Apesar de serem divergentes nos temperamentos, Luigi Giussani guarda, com afeto, as particularidades de cada um, bem como o facto das suas vidas serem exemplo de humanidade e fé.⁷ É notória a gratidão aos pais; aliás, como reconhece mais tarde, a educação recebida é a semente e modelo para todo o posterior desenvolvimento da sua obra educativa e apostólica.

A mãe, Angelina, «uma senhora muito devota, muito sábia, muito recolhida, discreta»,⁸ que desde o casamento deixa de trabalhar para se dedicar inteiramente à família, permanece na memória de como aquela que, pela simplicidade de coração, se espanta diante da realidade – «Como o mundo é belo e como Deus é grande!»,⁹ afirmava – e se entrega às ações quotidianas, confiando-as a Deus. Tantas são as recordações, mas é no espanto diante dos acontecimentos da vida que Giussani encontra o fundamento, enquanto predisposições, para o acordar da fé. Para lhe comunicar o conteúdo da fé, Angelina dizia-lhe coisas pertinentes para a vida; concretizava-lhe a Pessoa de Jesus, como Alguém próximo, familiar.¹⁰

A sua bondade prestável e a sua imensa fé, que a tornavam uma pessoa admirável, surgiam como sinal de Deus. Para o pequeno Giussani, a sua mãe, «é vista não só como exemplo de

⁴ Cf. Alberto Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida* (Coimbra: Tenacitas, 2017), 15: «[...] além de Luigi, Livia, que nasceu em 1925; Brunilde, que vê a luz em 1929, mas morre no primeiro ano de vida devido à difteria; uma outra irmã nasce em 1932 que, por sua vez, como ditavam os costumes do tempo, será batizada Brunilde; por fim Gaetano, de 1939».

⁵ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 22.

⁶ Recebe o Batismo no dia 19 de outubro de 1922, é crismado a 29 de outubro de 1928 e faz a Primeira Comunhão no dia 10 de maio de 1931. Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 15; 34; 35.

⁷ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 22.

⁸ Cf. Bruno De Biasio (entrevista por Francesco D’Erasmus), em Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 25.

⁹ Luigi Giussani, «Dal temperamento un metodo», em Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 24.

¹⁰ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 27.

uma maneira específica de educar e de se ser cristão, mas também de uma trajetória de vida que, através dos factos, se torna visível e perceptível aos outros».¹¹

A figura paterna é similarmente significativa para Giussani. O pai, pouco assíduo à Igreja – ainda que reconhecido como intensamente religioso –, alistado no Partido Socialista,¹² é um amante da justiça e da liberdade; para além de extraordinário desenhador, era um apaixonado por música, sobretudo ópera lírica. Apesar de ser um homem de poucas palavras, a serenidade, a excelência e a ternura ajudam-no a transmitir, como nos recorda um agradecido Giussani, «o sentido da beleza como parte integrante do gosto pela verdade e da procura da verdade».¹³ Assim sendo, procurou ensinar que para captar o essencial da existência, que está para além dos comportamentos exteriores, é necessário haver uma transformação provocada pela sensibilidade interior.¹⁴ O pai de Giussani era reflexo desse exemplo.¹⁵

É na infância, sobretudo no tempo que passa com os pais, que o pequeno *Gigetto* começa a desenvolver esta noção de sensibilidade interior. A necessidade de procurar razões para tudo, como lhe ensinava o pai, juntamente com o espanto provocado pelo olhar atento da mãe, suscitam uma primeira impressão daquilo que se há-de definir como «sentido religioso».¹⁶ Enfim, diz-nos Giussani que Deus, através dos seus pais, lhe cumulou «uma incomparável riqueza, a transbordar de sentimento, de delicadeza interior, de abertura de alma, de força de sacrifício, de sensibilidade profunda para todas as coisas que concebe como boas, delicadas».¹⁷

É neste ambiente que Luigi Giussani cresce e que, durante seis anos, a par com a escola primária Giulio Gavazzi,¹⁸ vai vivendo os seus dias. Independentemente do ano de escolaridade, apresenta-se sempre como um aluno predileto, cuja excelência está patente nas avaliações finais, e é transversal à opinião de vários professores seus. Entre muitos episódios, todos eles singulares, Giussani recorda aquele que, de alguma maneira, está na origem da sua vocação.

¹¹ Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 28.

¹² Apesar de secretário do Partido Socialista na cidade até ao dia do seu casamento, após a entrada de Luigi Giussani no seminário, em 1933, aproxima-se, paulatinamente, da Igreja. Mais tarde, acaba por se tornar num dos responsáveis da Ação Católica de Desio. Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 19.

¹³ Luigi Giussani (encontro na Universidade Bocconi, Milão, 1984), em Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 32.

¹⁴ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 30.

¹⁵ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 34: Após a aproximação à Igreja, a figura do pai «emerge como uma fonte inesgotável, não só de recordações e de anedotas, mas como testemunho de vida cristã visível, que muda as pessoas a partir de dentro, lançando-as num permanente estado de sensibilidade em relação às pessoas e às coisas».

¹⁶ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 29.

¹⁷ Luigi Giussani (carta manuscrita à sua irmã Livia, 1944), em Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 18.

¹⁸ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 34.

No quinto ano, diz-lhe um professor: «Ouve cá, tu és inteligente. Se fores para o seminário, ainda te fazem cardeal!». ¹⁹ Esta provocação foi crucial para o seu futuro. Abismado com tal afirmação, mesmo não sabendo o significado da palavra «cardeal», surge, pela primeira vez, o desejo de entrar no seminário. Assim acaba por acontecer. As palavras de Fossataro, o professor perspicaz, ao despertar o olhar arregalado de um miúdo de dez anos, ganham a forma de uma semente que, encontrando o terreno fértil na educação recebida pelos seus pais, concretiza um sinal do chamamento de Deus. ²⁰

1.2. O percurso do seminário.

Ainda que não tenha recebido logo autorização para entrar no seminário, a figura do padre, por diversos motivos, sempre encontrou muita estima entre os Giussani, pelo que não demorou até os pais aceitarem a possibilidade de concretizar a decisão do pequeno *Gigi*. Não obstante as dificuldades económicas, ²¹ no dia 12 de agosto de 1933, é remetida uma carta de recomendação ao reitor do Seminário de São Pedro Mártir, em Seveso, cuja resposta, de parecer positivo, é enviada dois meses depois.

Admitido ao sexto ano do Seminário Menor diocesano, ali entra no dia 2 de outubro de 1933. Recordando-o como um tempo tão feliz, é nesta casa que vai edificando, regido pela disciplina, um estilo de vida equilibrado, que passa por entre o estudo e a oração, a brincadeira e o silêncio, e que assenta, sobretudo, numa alegria singular, fruto da certeza de que o coração obedecia a algo maior, que o ligava diretamente ao Mistério; Cristo, que começava a ganhar forma na sua consciência, era tido como o centro de toda a vida. ²² É também nesta primeira etapa da sua formação que, mesmo não percebendo muitos dos livros que lhe passavam pelas mãos, intui que Deus o ia aproximando da aprendizagem de um método, «o método que é seguir, do qual saiu a flor e fruto, a seu tempo». ²³

Em Seveso, também o sentido da beleza, que o pai sempre lhe inculuiu como um elemento imprescindível ao gosto e à sincera procura da verdade, surge como impressão ao participar na

¹⁹ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 36.

²⁰ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 37.

²¹ As propinas, aquando da entrada de Luigi Giussani no seminário, eram de 550 liras. Dada a profissão do pai, Beniamino, as dificuldades económicas sempre foram um problema e um certo obstáculo à entrada no seminário. Contudo, Andreina Gavazzi Costa Kuliscioff (filha de Anna Kuliscioff, médica e revolucionária russa e de Andrea Costa, e casada com Luigi Gavazzi, filho dos patrões de Angelina Gelosa, católicos abastados economicamente), apesar da relação próxima dos seus pais com os Giussani, após um encontro com o arcepreste de Desio, Erminio Rovagnati, será a ajuda financeira para pagar os estudos no seminário. Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 21-2.

²² Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 41.

²³ Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 42.

liturgia diariamente; é no seminário que descobre «a fé como incremento da experiência da beleza (não estética, mas a experiência da beleza como parte da experiência do verdadeiro)».²⁴

Completado o terceiro ciclo de estudos, em 1937, Luigi Giussani é transferido para o Seminário Maior da diocese ambrosiana, o Seminário de Venegono Inferior, onde frequenta o décimo ano, os três anos de liceu e os quatro anos de teologia.

À semelhança dos tempos em Seveso, Giussani não desilude os padres formadores de Venegono. Os superiores, ainda que notem, com o passar dos anos, o seu carácter crítico e nem sempre caridoso, observam, a par do brio nos estudos, uma bondade de coração, capaz de tocar tantos quantos se encontram com ele, inclusive os seus familiares.²⁵ É precisamente nisto que incidem todas as apreciações finais, sobretudo as do tempo de liceu, que mostram um jovem entusiasmado, obediente, de elevado nível espiritual e bem-dotado.²⁶

É neste seminário que Giussani tem o primeiro contacto com uma escola teológica de excelência, cujos professores²⁷ desempenham um papel fundamental no oferecimento de uma «proposta harmónica de vida cristã (e por isso de vida plenamente humana)».²⁸ Nesta atmosfera sedenta de uma educação íntegra,²⁹ funda-se, entre alguns dos alunos, um grupo chamado *Studium Christi*, que, à altura, já ilustra o seu olhar incisivo e apaixonado pelo homem e por Cristo. Assente numa amizade e na recordação do facto cristão, como uma medida que pauta a vida quotidiana e que não é alheia nem às aulas nem ao tempo livre, esta pequena comunidade de jovens seminaristas, com a idade de dezasseis anos, nasce a partir do desejo de tornar o caminho do homem mais humano através do encontro com a Pessoa de Jesus Cristo.³⁰

Durante os anos de Venegono, grande é o leque de estudos que interessam a Giussani, quer teológicos quer literários. Da mesma forma, vai crescendo o ímpeto missionário, o fervor de anunciar o Evangelho e ainda uma preocupação pelo diálogo ecuménico, uma «paixão pela

²⁴ Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 45.

²⁵ É notória nas variadíssimas cartas endereçadas à família na época do liceu. Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 59.

²⁶ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 57.

²⁷ Luigi Giussani, «CL: assumere Cristo e la Chiesa come proposta globale di vita» (1984), em Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 69: «Durante os anos de estudo no seminário, não posso deixar de recordar sobretudo três personalidades que acenderam em mim o fascínio de uma percepção da realidade cristã “centrada”: estou a falar de mons. Gaetano Corti, do futuro cardeal de Milão, Giovanni Colombo, e de mons. Carlo Colombo».

²⁸ Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 69.

²⁹ Quando Giussani está no décimo segundo ano, Itália vive um período bélico. A Segunda Guerra Mundial (1940-1945), declarada após a aliança de Itália com a Alemanha nazi face a Inglaterra e França, para além de atingir inúmeros inocentes, diante de tamanhos conflitos, afasta os corações dos homens de Deus, abrindo espaço à dúvida, à ilusão, ao irreal. Neste contexto, florescia, entre os seminaristas, o fascínio de mostrar que a maior alegria da vida do homem é poder experimentar uma relação viva com Jesus Cristo. Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 58.

³⁰ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 89.

unidade dos cristãos».³¹ Assim, os tempos que antecedem a ordenação – e seguramente os que se seguem – são marcados por esta nota decisiva de oferecer a vida por todos os homens, de gastar a sua vida «pela felicidade dos homens, pela amizade de Jesus».³²

1.3. Os primeiros anos de sacerdócio.

Profundamente convicto de se configurar com Cristo e de ser uma só coisa com Ele, a 26 de maio de 1945, é ordenado sacerdote, na catedral de Milão, pelo cardeal Ildefonso Schuster, e celebra missa nova na sua terra natal no dia 31 de maio de 1945. Apreciado pelos seus superiores, como já oportunamente mencionámos, e dada a sua aptidão intelectual, logo após a ordenação, é-lhe pedido que colabore no ensino no seminário.

Em outubro do mesmo ano, o jovem sacerdote entra para a classe de professores do seminário menor de Seveso, no qual leciona Filosofia aos «prefeitos de estudos» - alunos de Teologia que desempenham um papel disciplinar sobre os alunos mais novos – e Letras aos seminaristas do segundo ciclo. Paralelamente, durante dois anos, dedica-se ao estudo da Teologia Oriental, da Teologia Protestante Americana e da contribuição da razão para a adesão à fé.³³

Giussani, que desde as tardes de sábado às tardes de domingo colaborava numa paróquia de Milão – ocupação habitual no percurso dos jovens padres formadores –, confessando e celebrando missa, certo dia, provavelmente por falta de cuidado, é atingido por uma broncopneumonia, degenerando numa pleurisia. Todavia, tal doença, ainda que o obrigue a um tempo suspensivo do trabalho pastoral, é tomada como uma oportunidade de transformar os seus dias num imenso ato de amor, servindo para a felicidade dos homens e para a glória do Amigo Divino.³⁴

Passado o longo período de inatividade forçada, já quase restabelecido, no ano escolar de 1949-1950 começa a dar aulas de Teologia Dogmática e Grego nos cursos do seminário maior de Venegono e Teologia Oriental na faculdade de Teologia, na mesma cidade. Entretanto, Giussani continua os seus estudos. Mais tarde, a 23 de junho de 1954, recuperando e aprofundando a paixão ecuménica surgida dos tempos de seminarista em Venegono, apresenta, como fruto amadurecido, um estudo sobre o protestantismo que, sendo a sua tese de

³¹ Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 101.

³² Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 112.

³³ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 113.

³⁴ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 118.

doutoramento em Teologia, se intitula «O Sentido Cristão do Homem segundo Reinhold Niebuhr».³⁵

Nestes primeiros anos de sacerdócio, entre o ensino no seminário e o tempo no confessionário, onde emprestava à confissão a aparência de direção espiritual – e onde se dá o primeiro encontro com a realidade juvenil de Milão –, é importante o estudo a que se dedica. O contexto teológico que o confronta neste início de vida sacerdotal leva-o a fixar-se no problema humano, no sentido do homem que se reconhece face a uma experiência de uma exigência insatisfeita, e é nesta preocupação que se antevê todo o imenso quadro reflexivo posterior em torno da Pessoa de Cristo, enquanto «resposta ao homem que se coloca conscientemente diante daquela pergunta imensa, imperecível, inexausta, que é o coração».³⁶

1.4. O valor da amizade.

É precisamente nos tempos de viagem entre Venegono e Milão que lhe é desvelada, de forma surpreendente, uma preciosa missão. Ainda que idealize exercer o seu ministério sacerdotal numa paróquia de montanha, distante das inúmeras e exigentes obrigações académicas, no início da década de 50, a possibilidade de colaborar novamente numa paróquia torna-se providencial para o que lhe advinha.³⁷

Entre as diversas experiências na Avenida Lazio, o cruzar-se com corações sedentos de verdade e carentes da misericórdia de Deus, sobretudo no encontro com a camada mais jovem da cidade, é o que depressa faz converter o seu enganado desejo de ser padre num recôndito lugar. Vários são os episódios que se podem recordar, mas há um que é decisivo e que fomenta uma profunda mudança no curso da vida de *Don Giussani*:³⁸ a amizade com Luigi Squellerio.

Este jovem, crescido e educado num ambiente católico, aluno finalista de um dos mais conhecidos liceus de Milão – o Liceu *Beccaria* –, marca radicalmente o itinerário de Giussani; aliás, como acaba por reconhecer mais tarde, é este encontro inesperado, irrompendo o quotidiano da carreira de Teologia e do ensino no seminário, que o vai ajudar a perceber o valor

³⁵ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 152.

³⁶ Luigi Giussani, «Un mistero di scelta» (2001), em Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 154.

³⁷ A Igreja Paroquial dos Santos Martinho e Silvestre, no centro de Milão, número 19 da Avenida Lazio, é a segunda paróquia que conta com o serviço do padre Giussani. Em 1945, já tinha colaborado na paróquia dos Santos Nazário e Celso, num bairro a sul de Milão, mas os graves problemas de saúde que se fizeram sentir, impediram-no de aceitar, durante cinco anos, qualquer trabalho pastoral fora do seminário. Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 135.

³⁸ Neste trabalho, usamos, entre outras, a nomenclatura de uso comum, em Itália, para o clero secular.

da amizade como virtude e como algo objetivo, assunto sobre o qual acabará por se debruçar em numerosas páginas e conferências.³⁹

Squellerio apresenta-se contra vontade no confessionário. Está a passar por uma crise de fé, mas como, a pedido da mãe, vai fazer a primeira comunhão, abeira-se do novo padre para que este o absolva. Durante a conversa, na qual se desenvolve uma significativa troca de argumentos, o rapaz acaba por se deixar invadir por uma das inspiradas provocações de Giussani, começando, passados quatro meses, a frequentar os sacramentos.

Pouco tempo mais tarde, Luigi morre num trágico acidente. Giussani, que conserva a intensa relação que se foi estabelecendo, reconhece a sua morte como um misterioso apelo do Senhor e depressa percebe que a única decisão capaz de corresponder às expectativas de qualquer coração e de definir a estatura do homem – que Luigi acabara por intuir – é amar o Infinito.⁴⁰

A amizade com Luigi Squellerio, ainda que breve, permite a Giussani ganhar a consciência de que a abertura que alguém faz diante de uma provocação, sobretudo diante de uma outra pessoa concreta, feita do mesmo tecido e com as mesmas inquietações, é fundamental para estabelecer uma verdadeira amizade e, conseqüentemente, para realizar o encontro com Cristo. Neste sentido, Giussani acredita que a abertura aos outros é, de facto, o caminho para a relação com Cristo e «está convencido de que o homem, em última análise, não escolhe os amigos, mas descobre-os e segue-os».⁴¹

2. O interesse pela educação.

2.1. A experiência da Gioventù Studentesca.

A convivência com Luigi Squellerio e com tantos outros jovens, amadurece em Luigi Giussani a certeza de que a amizade facilita o caminho para Cristo. Nele, a ideia de que para viver o Cristianismo é necessário experimentá-lo em comunidade, leva-o ao desejo de se envolver cada vez mais com os estudantes liceais e de lhes mostrar a possibilidade da fé encontrar um lugar nas suas vidas. Esta dimensão, que se foi consciencializando durante a colaboração na paróquia milanesa, desperta nele o carácter da sua nova missão, sobretudo, junto das estruturas da Ação Católica de Milão, que se dedicam à pastoral juvenil.

³⁹ Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 144.

⁴⁰ Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 139.

⁴¹ Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 144.

Com efeito, em 1953, após o aval dos seus superiores, começa a envolver-se no Conselho de *Gioventù Studentesca* e, desde logo, assume um papel muito importante na vida deste movimento.⁴² Sem hesitar, e ao constatar um alto défice da consciência religiosa no ensino público, apela à urgência de tornar a ideia cristã, isto é, a Pessoa concreta e histórica de Cristo, como um factor incisivo no quotidiano do ambiente escolar. Este novo paradigma, que, rapidamente, se torna imanente à vida da diocese, é a procura objetiva de unir a experiência conjunta que os rapazes e as raparigas fazem na escola ou nos tempos livres e o mistério da Igreja.

O diálogo com os jovens, que lhe pareciam completamente ignorantes sobre o facto cristão, incentiva Giussani a renovar a intuição pedagógica e missionária. Não inventando nenhuma nova realidade associativa, aprofunda e dá uma nova roupagem às propostas da Ação Católica. Sugerindo uma hipótese unificadora de dois dos seus movimentos, Juventude Estudantil feminina e Ação Católica masculina, contribui para o nascimento da *Gioventù Studentesca* (a GS) enquanto movimento.⁴³

Este primeiro movimento católico italiano, em que já não consta a dita tradicional separação entre os sexos e cuja proposta educativa é renovada por Giussani, visa enfrentar a dificuldade de os estudantes aceitarem a fé como uma possibilidade nas suas vidas. Preocupado com uma juventude dispersa e, quase sempre, sem ninguém capaz de lhe apontar um rumo, direciona a sua ação com uma intenção clara: «dar a conhecer – de maneira mais eficaz, mais coerente e mais convincente – o Cristianismo de sempre aos adolescentes que se lhe apresentam concretamente naquela viragem da história».⁴⁴

2.2. As aulas de religião no Liceu Berchet.

A envolvência na experiência da *Gioventù Studentesca* marca, definitivamente, uma nova etapa no sacerdócio de Luigi Giussani. Ante a indecisão entre escolher o trabalho académico na Faculdade de Teologia ou a missão com os estudantes, decide-se pelo trabalho no meio dos

⁴² Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 156-7: A *Gioventù Studentesca* [Juventude Estudantil (N. T.)], «fundada, no fim da guerra, por Giancarlo Brasca, que atribui a ideia a Luigi Gedda (na época à frente da GIAC, Gioventù Italiana di Azione Cattolica) [Juventude Italiana de Ação Católica] que, no primeiro encontro em que a Ação Católica do Norte se reunia com o centro nacional, lançava o projecto de criar uma realidade que se limitasse à pura educação religiosa dos jovens, mas que estendesse a sua ação “a todas as vertentes da vida do estudante, à sua educação cultural, física, moral e social”».

⁴³ Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 161.

⁴⁴ Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 163.

jovens. Esta mesma decisão, leva-o, mais tarde, a abandonar, a pedido do reitor, o ensino no seminário e a dedicar-se inteiramente aos estudantes.⁴⁵

Desde cedo, o encontro com alguns colegas e professores no seminário de Venegono, onde estudava e assumia o ensino de algumas disciplinas teológicas, desponta a figura de Cristo existencialmente viva para si, e isso é visível no desejo que o habita de se comunicar aos jovens, isto é, o desejo de comunicar aos estudantes o que o tinha renovado e rejuvenescido a sua vida. A convicção que procura comunicar assume-se, cada vez mais, numa profunda adesão a Cristo, que é o centro da história humana e, por isso, da história pessoal de cada um. Esta sua intuição, que acabará por constituir o cerne do seu método educativo, é no Liceu de Humanidades *Berchet* de Milão que se vai edificando, ao despertar em muitos a exigência de totalidade perante a realidade em que são chamados a viver.

Não sendo propriamente o seu primeiro encargo numa escola secundária de Milão, no ano letivo de 1954-1955 é autorizado a ensinar Religião no Liceu *Berchet*, onde permanece até 1965. Nesta década, a mesma em que, em muitas escolas, por parte de alguns docentes, cresce um forte ataque à Igreja e à fé, Giussani clarifica que o anúncio do Cristianismo deve traduzir-se como um acontecimento presente, «humanamente interessante e convincente ao homem que não queira renunciar ao cumprimento das suas expectativas e ao uso sem reduções do uso da razão».⁴⁶

Inscrito, portanto, numa realidade em profunda transformação quer a nível social quer a nível religioso e político, e na qual se confrontam dois mundos separados, o laicista e o clerical, ali é chamado a dar testemunho da ideia que ocupava, acima de tudo, o seu coração: Cristo é tudo para a vida do homem; e essa é a notícia que interessa aos jovens e que, embora por alguns ainda desconhecida, é capaz de os fazer felizes. Para tal, e desde o princípio, declara aos alunos que a sua presença tem a intenção de os levar a julgar qualquer assunto com transparência e sinceridade; mais do que fornecer ideias para assumirem como próprias, tem como objetivo ensinar um método verdadeiro, capaz de ajuizar o que lhes é ensinado.

O compromisso que assume é, sem dúvida, desafiante. Após os primeiros dias de aulas, o entusiasmo de Giussani enfrenta-se com a evidência de que naquele liceu o Cristianismo não se apresenta com significância. A maior parte dos estudantes, sem qualquer apreço à disciplina de Religião e envolvidos num campo de conflito entre ideologias muito díspares, formula a fé como uma contraposição da razão, sem qualquer ponto de convergência. Assim sendo, será

⁴⁵ Cf. Massimo Camisasca, *Don Giussani: A Sua Experiência do Homem e de Deus* (Coimbra: Tenacitas, 2010), 19.

⁴⁶ Camisasca, *Don Giussani: A Sua Experiência do Homem e de Deus*, 37.

precisamente neste binómio que incidirá o seu esforço académico. Para ele, não há coisa mais importante do que demonstrar a pertinência da fé às exigências da vida; ou seja, demonstrar a racionalidade da fé a partir da sua correspondência às exigências fundamentais e originais de cada homem.⁴⁷

Fazendo uso da agudeza da sua inteligência, o padre Giussani transforma o comum estilo pedagógico. Destacando-se por uma lecionação enriquecida por comparações com diversas matérias, e delineando um programa intercalado entre a posição cristã e a posição de tantos autores de tipo literário e filosófico, paulatinamente, começa a interpelar todos aqueles que, por força do horário, o têm de escutar.⁴⁸ É de notar a quantidade de alunos, católicos ou não, que se sentem tocados pelo fascínio deste homem que, sem querer convencer ninguém e convidando sobretudo à perceção da realidade que os envolve, oferece um método para que cada coração reconheça a verdade.⁴⁹

2.3. *O nascer d'O Sentido Religioso.*

Deixando Venegono em 1956, dedica-se totalmente ao ensino no Liceu *Berchet* e ao acompanhamento da *Gioventù Studentesca*. Apesar de, num primeiro momento, ter conseguido conciliar a sua nova missão de apoio às iniciativas da Ação Católica com os compromissos do seminário, a exigência obriga-o, com grande pesar, a estabelecer-se definitivamente em Milão.

Já envolvido nas estruturas juvenis, e apercebendo-se do avanço da mentalidade laicista que, sem freio, vai declarando a irrazoabilidade da dimensão religiosa do homem, Luigi Giussani esforça-se, ainda mais, por criar uma presença cristã convincente. Para ele, «é preciso que o estudante liceal “encontre Cristo presente dentro do seu ambiente escolar”, como “princípio capaz de iluminar as consciências e os problemas [...]”».⁵⁰ Todavia, constata que, para tal, é preciso apresentar um método que traduza uma presença fiel ao Cristianismo e firme diante das várias contraposições.

⁴⁷ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 173.

⁴⁸ Cf. A. Rizzoli, «Rizzoli: al Berchet ci ha insegnato a capire le ragioni della vita» (2010), em Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 193: «Com ele na aula, havia conversas sobre a vida, sobre coisas “vivas”, [...] não se falava só de textos sagrados e de orações, como acontecia normalmente nas outras escolas. Falava de filosofia. Citava de cor Maritain, Teilhard de Chardin, Mounier e Rilke. Falava-se de filosofia para falar da vida, como cada um de nós se devia colocar, devia estar perante a vida, perante si mesmo e perante os outros. [...] Em contrapartida, com Don Giussani, podíamos falar, perguntar. Ele próprio nos fazia perguntas, nos falava do mundo. Nós fazíamos-lhe perguntas, pensando ingenuamente que o iriam atralhar, mas não conseguimos. Havia este “desafio”, [...] ensinou-nos o que era a liberdade».

⁴⁹ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 194.

⁵⁰ Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 246.

Este método, cuja *Gioventù Studentesca* consegue traduzir, tem para Giussani uma característica fundamental: o chamamento pessoal. Isto é, o método para retomar a presença cristã entre os jovens deve dirigir-se à pessoa concreta e não a um aglomerado indistinto de pessoas. Contudo, este chamamento recebido, se não for alimentado, acaba por não ganhar consistência e esvanece. Neste sentido, este grupo da juventude estudantil, dando primazia ao encontro entre os jovens para que possam dialogar – isto é, confrontar as suas vidas pessoais com outras interessadas em escutá-las –, procura ser um lugar para se poder educar a um saudável desenvolvimento das dimensões fundamentais da experiência cristã.⁵¹ Visto que os destinatários se encontram numa situação estudantil, o ambiente escolar deve ser o acontecimento-base para o diálogo, sobretudo no contexto das experiências que lá vivenciam.

O ensino de Giussani no Liceu *Berchet*, que se articula segundo o esquema Deus-Cristo-Igreja, e o impacto com a juventude estudantil milanesa, como vimos, acentuam o desejo de criar um ambiente novo, em que o ideal cristão seja considerado «como a única resposta à experiência integral da vida».⁵² Este método para aproximar os jovens de Cristo tem o seu rascunho ainda no primeiro ano de aulas, em que, influenciado pela herança académica de Venegono, se debruça sobre o estudo do sentido religioso e da sua importância.

Em dezembro de 1957, encorajado pela carta pastoral do Arcebispo de Milão⁵³ e por mandato da presidência da Juventude da Ação Católica de Milão, redige *O Sentido Religioso*. Ao centrar-se no sujeito da experiência religiosa nesta sua reflexão, Giussani, para além de manifestar a sua preocupação educativa, procura «um modo apaixonado de garantir a clareza e de iluminar em todos os aspetos a racionalidade do Cristianismo».⁵⁴

Segundo ele, o sentido religioso é a capacidade que nos habita de entrar em relação com Deus, sendo uma característica própria da existência. Contudo, o apelo que movimenta o sentido religioso no Homem, enquanto ser dependente, parte de Deus através da realidade criada. É a partir daqui, e atendendo à mentalidade laicista que vai dominando as escolas e que

⁵¹ Estes encontros, chamados *raggi* (*raggio*, no singular), que, muitos anos depois, se estabelecem como «Escolas de Comunidade», a catequese permanente do movimento de Comunhão e Libertação, procuram, precisamente, despertar as consciências que caminham em conjunto para uma identificação total com a experiência do Cristianismo, sobretudo com a experiência vivida por Luigi Giussani, e incentivar para uma sensível educação à cultura, caridade e missão. Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 251.

⁵² Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 249.

⁵³ Na altura, Giovanni Battista Montini (1897-1978), futuro Papa Paulo VI, enquanto arcebispo de Milão escreve uma carta pastoral com título *Sobre o sentido religioso*, em que afirma que o sentido religioso «é “síntese do espírito” que, “recebendo a palavra divina, compromete com a mente as outras faculdades, e dá um contributo precioso, ou seja, aquela correspondência a que chamamos o coração, [...] fazendo com que a palavra divina não seja apenas recebida passivamente, mas que se extraia dela um acto de vida ardente». Cf. Giovanni Battista Montini e Luigi Giussani, «Sul senso religioso» (2009), em Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 223-4.

⁵⁴ Giussani, *O Sentido Religioso*, 6.

procura apagar Deus e a religião, que Luigi Giussani vai esboçando um percurso metódico e sistemático capaz de educar o sentido religioso e, conseqüentemente, tornar o Cristianismo como factor decisivo e constitutivo da vida humana.⁵⁵

3. O Sentido Religioso: um método educativo.

Quem conhece o movimento de Comunhão e Libertação⁵⁶ ou simplesmente se tiver cruzado com algum dos seus membros, com certeza, já pôde ter a experiência de ouvir falar do *PerCurso*.⁵⁷ Redigido por Luigi Giussani, este itinerário literário, composto por três livros – *O Sentido Religioso, Na Origem da Pretensão Cristã e Porquê a Igreja?*⁵⁸ –, só teve a sua formulação definitiva entre 1997 e 2003, mas começou a ser pensado desde os primeiros tempos de ensino e atende à sua preocupação em educar integralmente aqueles que com ele se cruzavam nos liceus e, posteriormente, na universidade.

Para ele, a educação é «o desenvolvimento de todas as estruturas de um indivíduo até à sua realização integral e, ao mesmo tempo, a afirmação de todas as possibilidades de ligação ativa dessas estruturas com toda a realidade».⁵⁹ Profundamente conformado com esta ideia, funda um método de ensino que compreende justamente os temas do *PerCurso* que traçava com os alunos ao longo dos últimos três anos do liceu: primeiramente, a centralidade do eu e o sentido religioso; a possibilidade da revelação e a figura de Cristo em segundo; e, por fim, a realidade da Igreja.⁶⁰

O Sentido Religioso é, seguramente, o seu livro mais conhecido e divulgado. Nesta obra, em que se propõe os apontamentos tomados pelos primeiros alunos de Luigi Giussani do liceu *Berchet*, patenteia-se uma preocupação anti-ideológica que procura centrar a sua atenção na

⁵⁵ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 225.

⁵⁶ O movimento de Comunhão e Libertação (CL), fundado por Monsenhor Luigi Giussani, propõe uma educação integral no caminho da fé, a partir da consciência de que o Cristianismo é um acontecimento histórico e de que a Igreja é o lugar do encontro com Cristo. Em 1954, partindo da sua experiência enquanto professor de religião no Liceu *Berchet* (Milão, Itália), nasce a designação de *Gioventù Studentesca* (GS) e, em 1969, o nome de *Comunione e Liberazione*. Conta com dois instrumentos de formação permanentes: a «Escola de Comunidade», já supra explicada, na nota de rodapé 48; e a «Caritativa», onde se aprende a atender as necessidades dos mais desfavorecidos, para que, com eles, se possa viver o facto cristão. Deste modo de olhar e viver, nasce uma variedade de formas de intervenção, que, sendo transversal a vários campos - cultural, político, social -, envolve desde adolescentes, universitários a trabalhadores. Actualmente, o Movimento está presente em 90 países dos cinco continentes. Cf. «Comunhão e Libertação», acedido a 23 de novembro de 2022, https://www.anuariocatolicoportugal.net/ficha_instituicao.asp?instituicaooid=19.

⁵⁷ Redigido por Luigi Giussani, é um itinerário literário composto por três livros segundo o esquema Deus-Cristo-Igreja. São eles: *O Sentido Religioso, Na Origem da Pretensão Cristã e Porquê a Igreja?*.

⁵⁸ Correspondendo à trilogia nocional Deus-Cristo-Igreja.

⁵⁹ Luigi Giussani, *Educar é um Risco* (Lisboa: Paulus Editora, 2018), 62.

⁶⁰ Cf. Camisasca, *Don Giussani: A Sua Experiência do Homem e de Deus*, 58.

realidade; responde-se à mentalidade moderna que quer afastar a fé da razão e reduz esta última «a um conjunto de categorias em que a realidade é forçada a entrar».⁶¹ Longe de qualquer subjetivismo, este volume do *PerCurso* apresenta como método o contacto atento com a realidade.

3.1. *Premissas metodológicas.*

Como tentativa de voltar a dar razão às ditas comuns «aulas de religião», Giussani, identificando o sentido religioso como a própria essência da racionalidade e a raiz da consciência humana, apresenta o Cristianismo como uma resposta razoável, isto é, como uma «resposta imprevisível ao desejo de viver do homem, descobrindo e amando o seu próprio destino».⁶² Contudo, não se chega a esta afirmação sem atender às condições necessárias para enfrentar a questão do sentido religioso.

Para estabelecer qualquer discurso acerca do sentido religioso é imprescindível recorrer a três premissas de ordem metodológica que o autor apresenta e aprofunda, mas que, em virtude da sua densidade, aqui sintetizamos.

3.1.1. Realismo.

Perante uma época abundantemente ideológica, facilmente se constata que o raciocinar nos parece mais afável que o simples ato de observar. Considerando a realidade como fonte de conhecimento, Giussani diz-nos que ela se impõe por si mesma e, por isso, o homem, mais do que projetar-se sobre o real deve deixar-se interpelar por aquilo que o real quer dizer de si mesmo.

O realismo, longe de querer compactuar com as exigências provindas de um esquema pré-fabricado pelo nosso intelecto – preconceitos –, quer oferecer-nos um conhecimento do objeto na sua pureza, isto é, como ele é e não como gostávamos que ele fosse. Para conhecer o objeto devemos respeitá-lo: «o realismo exige que, para observar um objecto de modo a conhecê-lo, o método não seja imaginado, pensado, organizado ou criado pelo sujeito, mas sim imposto pelo objecto».⁶³

⁶¹ Giussani, *O Sentido Religioso*, 11.

⁶² Luigi Giussani, *O Sentido de Deus e o Homem Moderno: «A Questão Humana» e a Novidade do Cristianismo* (Lisboa: DIEL, 1997), 9.

⁶³ Giussani, *O Sentido Religioso*, 15.

Neste sentido, tomando como objeto o sentido religioso, que aqui nos interessa abordar, é, pois, desejável descobrir o método que ele nos impõe. De acordo com o autor, a experiência religiosa leva o homem a uma constante interrogação sobre todas as suas ações, todas elas envolvidas pelas circunstâncias do quotidiano. Todavia, sendo um fenómeno que surge e acontece na própria pessoa, que não é indiferente à sua consciência, o homem deve tomar como ponto de partida para a sua investigação a sua existência, a sua própria experiência em ação. Portanto, sendo a religiosidade um fenómeno que constitui o ser humano, o ponto de partida do método está na observação das ações diárias.⁶⁴

Contudo, as circunstâncias vividas pela pessoa, isto é, pelo sujeito, para que consiga julgar aquilo que vê acontecer nele, devem ser confrontadas com um critério originário, primordial da natureza humana a que Luigi Giussani chama de «experiência elementar».⁶⁵

A experiência elementar é, no fundo, comum a todos os homens. Apesar da diversidade cultural ou mesmo temperamental, a humanidade, de forma transversal, deseja a felicidade, o Infinito, a eternidade. É neste desejo que se traduz este impulso à realização plena, à resposta total do para quê viver. É esta exigência de totalidade que, segundo o autor, define o coração do homem e que, confrontada com as várias experiências do agir humano, permite abraçar o objeto de forma sincera.

Assim, o autor insiste para que o Homem, nunca esquecendo o seu contexto histórico-social, olhe a própria experiência em ação na totalidade dos seus fatores, comprometido com todos os aspectos da sua vida, julgando e identificando na realidade aquilo que satisfaz verdadeiramente o desejo último do seu coração.⁶⁶

3.1.2. Razoabilidade.

Se na primeira premissa, em que nos é apresentado o realismo, nos centramos no objeto em si como determinante para o conhecimento, neste segundo princípio voltamos a nossa atenção para a razoabilidade, que, segundo o autor, também toma parte na dimensão constitutiva da

⁶⁴ É de notar que para Giussani a «experiência» coincide com o juízo dado sobre alguma coisa: «A pessoa é, antes de tudo, consciência. Por isso, o que caracteriza a experiência não é tanto o fazer, o estabelecer relações com a realidade como facto mecânico [...]. O que caracteriza a experiência é o *entender* uma coisa, o descobrir o seu *sentido*. A experiência implica, portanto, a inteligência do sentido das coisas». Cf. Giussani, *Educar é um Risco*, 117-8.

⁶⁵ Cf. Alessandra S. Carvalho, *O Senso Religioso e o Homem contemporâneo: uma reflexão antropológica filosófica na obra de Luigi Giussani*. Investigação (São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006), acedido em 25 de novembro de 2022, <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/2013>.

⁶⁶ Cf. Giussani, *O Sentido Religioso*, 20.

natureza humana. Assim, como primeiro plano, apresenta o sujeito que age, isto é, o homem que, enquanto ser racional, se define pela razão e pela razoabilidade.⁶⁷

Para Giussani, o uso da razão na Idade Moderna deixou sequelas na contemporaneidade e reduziu-a como «medida de todas as coisas», tornando o homem adormecido perante qualquer novidade; ou seja, tornando-se o raciocínio do homem a medida de todas as coisas, tudo o que não for explicado ao detalhe e entendido – visto ou tocado –, facilmente é descartado e até perigoso para o conhecimento. Portanto, a exclusão de qualquer elemento suspeito à razão leva à privação da novidade: o homem, medida de todas as coisas, «é um ser que se fecha num horizonte, tornando impossível qualquer tipo de novidade na sua vida. [...] Quando a razão se torna num “quarto”, destrói a sua força e mortifica a aventura da vida, que é a descoberta e a criatividade».⁶⁸

Neste sentido, a razão é convidada a um alargamento. Há valores cujas demonstrações científicas ou filosóficas não conseguem explicar, mas que para o homem são vitais: «se tu te podes fiar em qualquer homem ou não; [...] que apreciação se pode fazer de outrem; se tal pessoa é ou não leal?»⁶⁹ São estas interrogações morais que mais interessam ao homem porque – e recorrendo à noção de «experiência elementar» - são as que se implicam no quotidiano das relações e, conseqüentemente, são decisivas para a vida. É no confronto com estas dúvidas existenciais que a fé surge. Para Giussani, a fé «é a adesão àquilo que outro afirma. Pode ser irrazoável – se não houver motivos adequados. É razoável – se os houver».⁷⁰

Ao mostrar a fé como método de conhecimento, sugere que esta não seja díspar do papel da razão. Aliás, a razão, que é «abertura à realidade, capacidade de a captar e a afirmar na totalidade dos seus factores»,⁷¹ implica a fé, como conhecimento indireto no interior da sua dinâmica, pois o homem pode chegar à certeza de algo ou de alguém não só pela evidência imediata ou demonstrada.⁷²

⁶⁷ Cf. Giussani, *O Sentido Religioso*, 25.

⁶⁸ Giussani, *O Sentido de Deus e o Homem Moderno: «A Questão Humana» e a Novidade do Cristianismo*, 102.

⁶⁹ Giussani, *O Sentido Religioso*, 32-3.

⁷⁰ Giussani, *O Sentido Religioso*, 36.

⁷¹ Giussani, *O Sentido Religioso*, 30.

⁷² Nos finais do século passado, o Papa São João Paulo II, na sua Carta Encíclica *Fides et Ratio* sobre as relações entre fé e razão, procura mostrar-nos a razoabilidade do «conhecimento por crença»: «Cada um, quando crê, confia nos conhecimentos adquiridos por outras pessoas. Neste acto, pode-se individuar uma significativa tensão: por um lado, o conhecimento por crença apresenta-se como uma forma imperfeita de conhecimento, que precisa de se aperfeiçoar progressivamente por meio da evidência alcançada pela própria pessoa; por outro lado, a crença é muitas vezes mais rica, humanamente, do que a simples evidência, porque inclui a relação interpessoal, pondo em jogo não apenas as capacidades cognoscitivas do próprio sujeito, mas também a sua capacidade mais radical de confiar noutras pessoas, iniciando com elas um relacionamento mais estável e íntimo». (FR 32)

Assim, parece-nos que para equacionar o sentido religioso – que equivale à experiência elementar de todo o homem e que surge aquando de uma séria indagação do sentido da vida – é necessário partir para a realidade e «considerá-la em todos os seus aspectos, com uma razão aberta a todos os fenómenos humanos, mesmo os que fogem a uma visão positivista e quantitativa».⁷³

3.1.3. Moralidade.

Primeiramente, insiste-se na necessidade do realismo, como fruto da natureza e situação concreta do objeto. Em segundo, a atenção e o amor pela racionalidade, centrando o foco no sujeito da operação e nos seus movimentos. Agora, depois de se equacionar a possibilidade do sujeito conhecer também a partir de evidências mediatas ou não demonstradas, a partir da vivência e da confiança num outro, surge, inevitavelmente, um fator moral que o constitui enquanto pessoa. Assim, ainda antes de abordar o sentido religioso, na sua definição e natureza, *Don Giussani* trata de uma terceira premissa: a moralidade.

A moralidade, segundo o autor, «é a atitude adequada e justa na dinâmica do conhecimento de um objecto», sendo esta atitude conveniente resumida pela seguinte regra: «o amor pela verdade do objecto, acima de qualquer ligação às opiniões que já tenhamos formado acerca dele».⁷⁴

Conforme oportunamente mencionámos, o nosso quotidiano é constituído por uma imensa quantidade de acontecimentos que, ao atingirem e ao interpelarem o nosso campo de conhecimento, produzem respostas, reações ou, até mesmo, sentimentos. O sentimento é «o inevitável estado de espírito que se segue ao conhecimento de qualquer coisa que atravessa ou entra no horizonte da nossa experiência».⁷⁵ Contudo, Giussani alerta-nos a que o sentimento seja equiparado a uma lente ótica que, focada – equilibradamente ajustada –, colabora com a razão a aproximar-se do objeto e a conhecê-lo honestamente; ou seja, é necessária uma valorização de três fatores: objeto, razão e sentimento.⁷⁶

Portanto, a moralidade, inserida no processo de conhecer, define-nos a postura a ter diante de um objeto, para que, conhecendo-o verdadeiramente, possamos rumar ao significado do próprio destino, isto é, procurar na nossa vida diária aquilo que se identifica com a «experiência elementar».

⁷³ Camisasca, *Don Giussani: A Sua Experiência do Homem e de Deus*, 65.

⁷⁴ Giussani, *O Sentido Religioso*, 48.

⁷⁵ Giussani, *O Sentido Religioso*, 42.

⁷⁶ Cf. Giussani, *O Sentido Religioso*, 45.

Em Giussani, a moralidade não se resume ao estabelecimento de regras ou proibições, mas a maneira da pessoa, numa sinceridade ativa, se colocar diante da realidade e, ao desejá-la na totalidade, intuir a plena realização, a felicidade total.

Assim, para amar a verdade do objeto mais do que a imagem que dele tivermos preconcebido; para um olhar escancarado diante da realidade e da verdade; para alimentar a moralidade que em nós surge espontaneamente, importa haver um processo, um trabalho. Este trabalho é persuadido por aquilo que move o homem: afeto e o amor ao seu destino. Neste sentido, é oportuno remeter para aquilo que, mais adiante, procuraremos aprofundar neste trabalho – a beleza. Se, de facto, aquilo que é capaz de mover a pessoa é a afeição, esta tem de ser despertada e, portanto, somos sugeridos a ter em conta a experiência de confronto com a beleza como porta para uma melhor compreensão do que o homem é e do que procura.

3.2. O ponto de partida para o sentido religioso.

De facto, podemos dizer que o homem é feito para a verdade, isto é, e atendendo ao contributo da medievalidade, feito para a correspondência entre a consciência e realidade.⁷⁷ A realidade, neste sentido, é, pois, o ponto de partida para uma séria interrogação sobre o sentido da existência e para uma fecunda jornada até à verdade.⁷⁸ Portanto, para proceder a um correto método que possa definir a experiência religiosa – e aqui definida enquanto abertura e relação com o Infinito –, é necessário atender à sua natureza.

Pois bem, a experiência religiosa se é uma experiência deve começar a ser questionada a partir do próprio sujeito. E, como tal, tendo como ponto de partida o sujeito, é necessário considerar a sua ação. «Quando é que partimos verdadeiramente de nós?», pergunta o autor. Partir de nós de forma realista é considerar a própria pessoa em ação, atender e observar a sua experiência no quotidiano. Os fatores que constituem o homem manifestam-se quando este empenha uma ação, é no agir que o homem se apercebe do seu existir e do seu pensar. Neste sentido, quanto mais se está empenhado na vida, mais os próprios fatores se manifestam na experiência pessoal, mais o significado da vida é alcançável. Portanto, «a condição para se poder descobrir em nós a existência e a natureza de um elemento condutor e decisivo como é o sentido religioso, é o compromisso com a vida inteira, em que tudo se inclui. [...] Na verdade, em cada gesto reside um passo para o nosso destino».⁷⁹

⁷⁷ Cf. Tomás de Aquino, *Suma de Teologia*, I, q. 21, a. 2, co: «*Veritas consistit in adaequatione intellectus et rei*».

⁷⁸ Cf. Giussani, *O Sentido Religioso*, 53.

⁷⁹ Giussani, *O Sentido Religioso*, 57.

Contudo, o empenhamento na vida revela várias formas de compromisso, entre as quais: a tradição e o valor do presente. A tradição diz-nos que o problema religioso, que aqui tratamos, é assunto unificador do passado, presente e futuro e que, quando a riqueza tradicional é aplicada à problemática da vida através de um princípio inato e crítico – a experiência elementar –, se apresenta como uma hipótese de trabalho.

O valor do presente, da mesma forma, constitui-se como inevitável para a descoberta dos fatores constitutivos do eu. O homem tem de partir do presente para compreender os fatores que o constituem. O presente «é o lugar, enigmático e magnífico ao mesmo tempo, da liberdade, a energia que manipula o conteúdo do passado, desencadeando uma criatividade responsável». ⁸⁰ É erróneo perspetivar a história partindo unicamente do passado ou de indagações futuras. É a partir do presente, como lugar de ação e captação dos fatores da experiência do sujeito enquanto homem que é possível reconhecer os mesmos fatores noutras alturas da sua história, inclusive os fatores da experiência religiosa.

Ainda acerca da experiência, Giussani identifica que a fazer uma reflexão sobre ela, o homem consegue encontrar dois tipos de realidade: mutável e imutável. A realidade mutável é aquela que se descreve quantitativamente e, conseqüentemente, é divisível, mensurável. Por exemplo, «se se deixasse um fragmento de rocha, mesmo da mais resistente, em cima de uma mesa e se, passado um bilião de anos, alguém o pudesse examinar, havia de o achar profundamente modificado». Genericamente, pode ser definido com o termo «matéria».

No entanto, numa atitude profundamente empenhada na reflexão sobre si próprio, o homem encontrará no seu «eu» uma outra identificação de realidade: a imutabilidade. Qualquer ideia ou juízo não se define pelas características anteriores; ou seja, «a ideia de bondade, por exemplo – esse critério que nos habita e pelo qual se pode dizer de alguém “é bom” –, esta ideia não poderia ser medida, quantificada, e não se modificaria com o tempo». ⁸¹ Ainda que, com o passar do tempo, haja uma maior consciencialização, a afirmação, se for verdadeira, dificilmente se torna mutável. Outro fenómeno que traduz a imutabilidade é a decisão. Vejamos, «se eu disser – “Quero bem a esta pessoa” –, a definição da relação que a minha liberdade escolhe mantém-se, sem que tempo e medida entrem na definição estrutural do acto». ⁸²

Neste sentido, o sujeito, ao observar-se a si mesmo no instante da sua ação, verifica a existência de duas realidades que, sem se reduzirem uma à outra, permitem uma maior abordagem da grandeza da realidade humana e, conseqüentemente, evidenciar que a

⁸⁰ Giussani, *O Sentido Religioso*, 59.

⁸¹ Giussani, *O Sentido Religioso*, 61.

⁸² Giussani, *O Sentido Religioso*, 61.

experiência é, de facto, uma fonte de conhecimento. Estas duas realidades, cujas características são irreduzíveis, são, pois, a matéria e o espírito, corpo e alma.⁸³

3.3. *A natureza do sentido religioso.*

Como pudemos ver, Giussani diz-nos que o homem se capta a si mesmo apenas no instante presente. Nesse mesmo instante, aparecem-lhe dois fatores irreduzíveis e, voltando-se para o passado e refazendo o caminho ao contrário, apercebe-se que estes dois fatores – material e espiritual – vão parecendo menos visíveis até se confundirem.

Neste sentido, após termos situado a experiência humana como ponto de partida e identificarmos, através da própria experiência, a existência de duas realidades não redutíveis que mostram a plurivocidade do composto humano, observemos o fator religioso como aspeto essencial da realidade não mensurável, espiritual.

Se a razão, enquanto abertura para o real, possibilita ao homem aprofundar a realidade que se lhe impõe e considerá-la na sua totalidade, o problema do sentido religioso há-de lhe surgir. Assim, uma postura escancarada à totalidade dos fatores constitutivos do ser humano, reconhece que o sentido religioso se encontra na própria natureza humana e, por isso, constitui uma das dimensões do homem, identificando-se com a racionalidade e a matriz da consciência humana.

Portanto, para *Don* Giussani qual é a definição para o sentido religioso? Vejamos:

O factor religioso representa a natureza do nosso eu enquanto se exprime em certas perguntas: «Qual é o significado último da existência?»; «Porque existe dor e morte, porque é que, no fundo, vale a pena viver?». Ou então, noutra perspectiva: «De que é feita a realidade, e para quê?». Aqui está: o sentido religioso situa-se dentro da realidade do nosso eu ao nível destas perguntas. *Coincide com o radical compromisso do nosso eu com a vida, que se exprime nestas perguntas.*⁸⁴

⁸³ À objeção abundantemente difundida quanto à existência destas duas realidades irreduzíveis na pessoa humana - «objeção materialista» -, Luigi Giussani, a qualquer nota «materialista», que queira reduzir o espírito, a inteligência, o pensamento, o amor ou outros tipos de fenómenos a uma mera desenvoltura do dado material de início da vida humana ou a uma manifestação mais sofisticada do dado material, procura responder a partir da experiência: «se, de facto, a experiência mostra em mim a existência de dois tipos de realidade irreduzíveis um ao outro, não posso fazê-los coincidir, porque explicar a diferença suprimindo-a significa forçar, violentar a experiência, atacar a experiência com um preconceito». Diz-nos ainda, citando Karl Jaspers, que «todas as causalidades empíricas e os processos biológicos de desenvolvimento parecem aplicáveis ao substrato material do homem, mas não ao próprio homem». Karl Jaspers, «La fede filosofica» (1973), em Giussani, *O Sentido Religioso*, 64.

⁸⁴ Giussani, *O Sentido Religioso*, 67.

Parece-nos que a visão do autor sobre a natureza religiosa do homem incide sobre as mesmas questões de toda a tradição cristã, contudo, apresenta uma especificidade. Para Giussani, a correspondência da religiosidade com as «perguntas últimas» surgem na medida em que a razão se abre ao infinito, ao não imediato.

O sentido religioso, sendo aquela natureza original do homem pela qual ele se exprime de forma total em perguntas últimas, é o que leva à procura de uma resposta, «de uma realização e de uma plenitude totais, e coloca-se, escondido, mas determinante, dentro de cada movimento da vida humana». ⁸⁵ Estas perguntas últimas, constituintes do sentido religioso, estão enraizadas no coração do homem, dirigem-se ao fundo do ser e movimentam o homem em busca de um significado para a existência.

A atitude de compromisso com todos os aspetos da vida – já supradito –, faz o sujeito verificar uma «energia indagadora da razão humana e da humana liberdade», levando-o a arriscar procurar um «objeto incomensurável» que seja capaz de preencher a sede de infinito que o habita. Posto isto, a vida é um ansiar por um «objeto último» que, apesar de surgir do desejo de infinito, está sempre para além da realidade humana. Considerar este objeto último, é, segundo Giussani, admitir a possibilidade de mistério; é considerar a hipótese de Deus. ⁸⁶

Assim, atendendo ao levantamento das questões existenciais, o autor pretende sublinhar que, apenas pelo facto de viver, se formula o que em nós é o sentido religioso e como é que ele se manifesta na nossa consciência: é «exigência de totalidade que é constitutiva da nossa razão, ou seja, capacidade que o homem tem de conhecer, pela sua abertura a ir mais além e a abraçar cada vez mais a realidade». ⁸⁷

3.4. O despertar das perguntas últimas.

Se até aqui se afirmava a existência das perguntas últimas, como aquelas que constituem e movimentam a razão humana a considerar a possibilidade de um sentido religioso que reconhece a existência de um objeto último – a que a tradição cristã chama Deus –, é necessário agora ponderar sobre a forma como elas despertam.

A razão humana é carregada de perguntas; no entanto, não está apta a responder a todas elas. Não obstante, no embate com o real, que como vimos é um excelente método de conhecimento,

⁸⁵ Luigi Giussani, *Na Origem da Pretensão Cristã* (Coimbra: Tenacitas, 2012), 14.

⁸⁶ É de notar que para Luigi Giussani não admitir o objeto último e incomensurável ou não admitir a impressionante desproporção entre o horizonte último e a capacidade dos passos humanos, significa eliminar a categoria da possibilidade; ou seja, é eliminar a possibilidade como dimensão da razão humana. Cf. Giussani, *O Sentido Religioso*, 74.

⁸⁷ Giussani, *O Sentido Religioso*, 83.

a razão dá-se conta da fórmula do itinerário para o seu significado último. Aliás, «a fórmula do itinerário para o significado da realidade é viver o real sem cortes, ou seja, sem negar ou esquecer coisa alguma».⁸⁸ A falta de seriedade para com o real, que é sintoma de um excesso de preconceito, é desvanecer a abertura para o mistério; é um bloqueio para a dimensão religiosa autêntica. Quanto mais o Homem se envolve com a realidade que o circunda mais é desperto a um significado que está para além de si, mas que se lhe quer manifestar; mais depressa atende a uma voz que o atrai para lá do que imediatamente lhe aparece.

Neste sentido, não considerando a experiência limitadamente à superfície, o Homem põe-se diante da realidade, disponível para uma experiência de provocação. Perante qualquer coisa, o Homem é comovido, é impelido a buscar um outro; é atraído por outro. E esta reação, que surge aquando de um enfrentar sincero daquilo que vem ao nosso encontro, exprime-se através de uma pergunta: «que coisa é esta? Para quê, isto?». No cerne destas perguntas, como fruto de uma experiência com o real, há um sinal que remete para outro, «uma realidade experimentável que adquire o seu significado conduzindo a outra realidade».⁸⁹

Portanto, se, no embate com o mundo, o Homem descobre que o mundo funciona como sinal, que demonstra alguma coisa de outro, então considera a possibilidade da existência de Deus. A partir de uma realidade experimentável, cujo significado se adequa à exigência humana, o Homem intui qualquer coisa de outro: «o primeiríssimo sentimento do Homem é o de estar perante uma realidade que não é sua, que existe independentemente dele e da qual ele depende».⁹⁰

É nesta certeza que incide a ideia de mistério. A perceção de um existente desconhecido, quase inatingível, mas para o qual todo o movimento do Homem é destinado porque depende dele, que é o vértice da razão. A razão exige a compreensão do existente; «na vida, isto não é possível; logo, a fidelidade à razão obriga a admitir a existência de um incompreensível».⁹¹

A tradição religiosa autêntica da humanidade tem designado o mistério, isto é, tem-se dirigido a Deus a partir de variadíssimos termos e todos eles, como se pode tomar o caso de Lhe associar o conceito de «beleza» – Deus é Beleza –, funcionam como chaves para abrir caminhos que enriquecem o nosso pressentimento do Objeto último e que intensificam a nossa relação com Ele.

⁸⁸ Giussani, *O Sentido Religioso*, 151.

⁸⁹ Giussani, *O Sentido Religioso*, 155.

⁹⁰ Giussani, *O Sentido Religioso*, 142.

⁹¹ Cf. Giussani, *O Sentido Religioso*, 162.

Assim, questionemo-nos: poderá ser a beleza uma abertura para este Outro? Será ela, neste mundo, um sinal da existência de Deus capaz de despertar as perguntas últimas que habitam o nosso coração? Servem estas perguntas para indicar o rumo a seguir no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2: A PROCURA DA BELEZA COMO FATOR DECISIVO

1. A *via pulchritudinis*: perspetivar sobre a teologia da beleza.

Como afirmávamos anteriormente, a tradição religiosa tem procurado conhecer o Mistério através de vários modos, a partir de diversos caminhos. Um deles é o da beleza. Se o Homem tem o pressentimento da existência de algo maior, de Alguém que dê sentido às interrogações últimas que habitam o seu coração, a beleza apresenta-se, sem dúvida, como chave preciosa nesta aventura de desvelamento.

Neste sentido, este capítulo procura apresentar a via da beleza como possibilidade de abertura para Deus, como sinal da Sua existência. Para tal, de forma sucinta, tomaremos como auxílio algumas perspetivas acerca da estética teológica que foram, precisamente, porta para o encontro decisivo entre Deus e o Homem.

1.1 *O vínculo entre estética e vida interior: dois contributos relevantes.*

1.1.1. Da interioridade à ordem: a estética de Santo Agostinho.

Ao contrário do que sucede com outros autores clássicos e medievais, não chegou até nós qualquer tratado de Agostinho sobre estética. A grande obra agostiniana acerca deste tema – *De Pulchro et Apto* – parece ter-se perdido entre as areias do tempo. Recorrendo, contudo, ao pensamento que o autor semeou nas suas várias obras,⁹² podemos facilmente compreender que a questão da beleza é, aos seus olhos, essencial. As suas afirmações sobre a estética alicerçaram-se em autores como Plotino, Platão ou Aristóteles, ao mesmo tempo que transcendem essas velhas referências e tecem, em linhas de grande originalidade, um novo conceito de «estética da interioridade».⁹³

Para Santo Agostinho, no mais íntimo e interior de cada um de nós está Cristo, Aquele que é mestre e fonte do conhecimento, do amor e da sabedoria.⁹⁴ A busca pela beleza, que é tão natural ao Homem, pode levar-nos a percorrer os caminhos do mundo, mas, sobretudo, há-de

⁹² Veja-se, por exemplo, *Confessiones*, *De Civitate Dei* ou *De Ordine*.

⁹³ Tomamos como referência o estudo do Prof. Aguiar de Castro, em José Acácio Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 1ª ed. (Porto: Universidade Católica Editora, 2018), 27.

⁹⁴ Recordemos o que Santo Agostinho nos declama nas suas *Confissões*: «Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! E eis que estavas dentro de mim e eu fora, e aí te procurava, e eu, sem beleza, precipitava-me nessas coisas belas que tu fizeste. Tu estavas comigo e eu não estava contigo. [...]» em Santo Agostinho, *Confissões*, trad. Arnaldo do Espírito Santo et al., 2ª ed. (Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2004), Livro X-XXVII, 491.

fazer-nos trilhar as largas avenidas do nosso íntimo. De facto, a dimensão religiosa, a contemplação não só dos sinais e símbolos exteriores, mas também do seu mais misterioso significado no interior do Homem, são chaves de leitura para a compreensão do pensamento estético agostiniano. Esta opção pela interioridade leva a uma estética que se abre em dois caminhos: a preferência pelo Uno em detrimento do múltiplo e a prioridade dada às faculdades humanas no «conhecimento e fruição estética».⁹⁵

Na demanda pelo Uno, fica claro que se vê o belo como resplendor da unidade, da verdade, da positividade ontológica.⁹⁶ Na valorização das capacidades humanas como formas de acesso à beleza, manifesta-se uma visão complexa e abrangente do ser humano: na apreensão da beleza, intervêm os sentidos, que nos impelem e nos apresentam o mundo exterior, mas, numa segunda instância, é preciso que o intelecto estruture a informação apreendida pelos sentidos, sendo na «memória interior» a unificação, a análise e síntese da sua captação.⁹⁷

Em certa medida, Agostinho não se diferencia substancialmente da estética helénica clássica, no entanto, a novidade surge quando se compreende qual é para ele o fim último da estética. Para o autor, esta não é uma mera fruição lúdica ou prazerosa; a estética não se fecha em si mesma como fim de si própria. Pelo contrário, para Santo Agostinho, a experiência estética apresenta-se como mediação para o contacto e o conhecimento de Deus, não podendo ser uma mera imitação de arquétipos, mas antes uma mimética que alinha o espírito humano com o que é realmente central, o Uno. A própria arte, tida como categoria e disciplina, ficará limitada se se resumir à «insegura e falível via da exterioridade»,⁹⁸ uma vez que, em si mesma, mais não seria do que um exercício que, mesmo respeitando as categorias da harmonia, de proporção e de simetria, não ousaria mergulhar no fundo daquelas que são verdades imateriais e superiores. No pensamento deste Doutor da Igreja, a arte e as suas mais variadas áreas apenas podem ser descritas como belas quando apontam para o seu desígnio de «unir Beleza e Verdade».⁹⁹ Portanto, a arte assume uma função pedagógica na medida em que pretende aproximar o

⁹⁵ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 29.

⁹⁶ Recorrendo à metáfora platónica da Alegoria do Sol, é possível considerar o Belo enquanto resplendor do Verdadeiro, do Bom e do Uno: «Entende que é ela (a ideia do bem) a causa do saber e da verdade, na medida em que esta é conhecida, mas, sendo ambos assim belos, o saber e a verdade, terás razão em pensar que há algo de mais belo ainda do que eles. [...] Referes-te a uma beleza prodigiosa, se é ela que transmite o saber e a verdade, mas que os excede ainda em beleza. [...]» em Platão, *A República*, 9. ed (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001), 508c-509a, 309.

⁹⁷ Esta *mens* agostiniana, em tudo idêntica à *noesis* platónica, integra, em valores e ideias, as representações exteriores, permitindo uma captação da beleza, mas salientando também que esse reconhecimento tem uma dimensão de interioridade. Uma vez que tudo contém vestígios de Belo - porque participa e é criado pelo Uno, que é Ele mesmo Belo -, podemos afirmar que a estética agostiniana segue um caminho ascendente de reconhecimento do que é Belo como reconhecimento do próprio Deus. Cf. Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 29.

⁹⁸ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 31.

⁹⁹ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 31.

Homem ao Transcendente, educando-o no reconhecimento do que é belo e verdadeiro. Vista desta forma, a arte torna-se na magnífica estrada pela qual o Homem caminha em direção ao reconhecimento de Deus, como seu Autor.

Perceber estas coisas afigura-se-nos fundamental para que se possa fazer justiça ao pensamento agostiniano. De outro modo, seria normal que a estética do Hiponense, tão fundada na *visio* interior, nos surgisse como um movimento subjetivo ou solipsista. No entanto, o Santo Doutor procura oferecer-nos uma definição objetiva e universal do belo como «o que agrada por si mesmo e o conveniente o que agrada pela sua acomodação».¹⁰⁰

Devemos procurar desconstruir esta densa afirmação. Começemos pela noção de «acomodação», sempre associada à utilidade, em linha de pensamento socrático.¹⁰¹ O belo de um dado objeto é a realização do mesmo para a finalidade da sua existência. Deste modo, na lógica estética de Agostinho, um objeto tem beleza se cumprir a sua finalidade, havendo uma complementaridade entre bem e beleza.¹⁰² Esta beleza, que começa na acomodação das partes, conclui-se no todo que é belo quando cumpre a sua finalidade, quando age para o fim para que foi criado. Deste modo, não é difícil adaptar o conceito de harmonia aristotélica à beleza da Criação defendida por Agostinho. Há uma harmonia na Criação porque esta, como obra do Uno, de Deus, é ela mesma bela e ordenada.¹⁰³

Em Santo Agostinho, jamais podemos isolar um conceito. Aliás, somos chamados à atenção para aquilo que surge como a «mais subtil e elevada expressão da união entre a ordem numérica e a Beleza», que mais não é do que a própria Trindade divina. No mistério em que o Uno se torna trino sem jamais deixar de ser Uno, podemos encontrar o corolário e o vértice de toda a tese de Agostinho de Hipona. A Trindade é a harmonia perfeita entre «o todo e as partes», uma vez que nenhuma se destaca absorvendo as demais, mas antes se congregam na relação mútua e íntima.

¹⁰⁰ Agostinho de Hipona, «Confissões», em Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 32.

¹⁰¹ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 32.

¹⁰² Neste sentido, é o conceito de acomodação que torna esta estética concreta, afastada da noção de algo que é belo por si e apenas para si.

¹⁰³ A «acomodação» traz consigo um outro conceito fundamental para definir algo como belo: a «ordem». Esta ordem está ligada à ordem numérica que permeia a realidade. O número está presente em todos os aspectos da criação, seja no peso, tamanho, forma, quantidade ou relação entre partes. Ao revelar essa ordem numérica e sua beleza, é demonstrada a onipotência do Criador. A partir da métrica da música ou da poesia, Santo Agostinho exemplifica a presença constante de uma ordem numérica que caracteriza a harmonia essencial à beleza de algo. Claro que sendo de cariz existencial, e falando-se de uma ontologia da ordem numérica, esta não deixa de ser apreendida pelos sentidos, que a conduzindo à razão, permitem ao Homem «ascender das coisas sensíveis às inteligíveis» levando-o à «unidade que é Deus, a Suma Beleza». Cf. Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 36.

Esta mesma beleza, o mais profundo e sublime Belo que é a Trindade, apenas pode ser captada pelo Homem interior a quem se dirige, pois ultrapassa os sentidos que resumem a ação do Homem exterior. É a alma humana racional e intelectual que tem como finalidade conhecer o objeto e assim conhecer-se. A mente que constitui e é parte integrante desta alma, não tem o mero propósito de conhecer lógica ou racionalmente, mas antes procura conhecer o que ama, amando, precisamente, o que conhece.

Não perdendo de vista a dimensão humana e a sua diferença de natureza para com Deus, podemos ver que também no Homem se encontra a «harmonia na ordem numérica»,¹⁰⁴ à semelhança do que existe na própria Trindade. O Homem é, deste modo, a única criatura a poder participar interiormente da ordem de Deus, do conhecimento da sua beleza; o Homem é o único capaz de Deus e que, contemplando a beleza das coisas criadas, através da sua alma inteligível, nelas descobre a presença do Criador, o Sumo Belo.

A originalidade do Bispo de Hipona é crucial para uma promoção de uma estética capaz de despertar uma experiência interior. Escancarando a possibilidade de a arte servir como via excelsa para o conhecimento de Deus e para uma verdadeira vivência dos mistérios da fé, Agostinho, como nos ilustra Pierangelo Sequeri num dos seus escritos, prova o quão pode ela, sobretudo musicalmente expressa, comover o coração humano: «Cantar com arte a Deus consiste precisamente nisto: cantar em júbilo. O que significa cantar em júbilo? Compreender e não saber explicar com palavras o que se canta com o coração».¹⁰⁵ Servindo-se do júbilo, como linguagem capaz de comunicar com Deus, enaltece a importância da música. Esta conduz a palavra ao coração e prolongando o tempo dessa palavra – provavelmente provinda do contacto com a beleza das coisas criadas –, cria um espaço para a contemplação da intimidade divina.¹⁰⁶

1.1.2. O convite à contemplação: a estética em São Boaventura.

Herdeiro do pensamento franciscano, São Boaventura destaca-se pela notável reflexão acerca da «luz», matriz de toda a sua estética. Ao contrário de Santo Agostinho e tantos outros teólogos clássicos, este autor demarca-se de uma beleza fundada na «proporção», na ordem, na harmonia entre diversos elementos simples, articulados e relacionados entre si e, num passo para o qual não é indiferente a simplicidade da estética franciscana, ousa centrar a sua reflexão

¹⁰⁴ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 38.

¹⁰⁵ Agostinho de Hipona, «Comentário ao Salmo 32», em Pierangelo Sequeri, *La Risonanza del Sublime. L'idea spirituale della musica in Occidente* (Roma: Edizioni Studium, 2008), 30.

¹⁰⁶ Cf. Sequeri, *La Risonanza del Sublime*, 30-1.

sobre a beleza naquele que é, segundo ele, um elemento simples e nobre, cuja claridade é a mais bela de todas as cores: a «luz».¹⁰⁷

Boaventura apresenta-nos a luz como condição de possibilidade para o conhecimento e, conseqüentemente, para a beleza. Todas as realidades existentes são suscetíveis de serem iluminadas, desde as mais opacas às mais translúcidas, movendo-se entre estes dois extremos, apresentando-se numa gradualidade de luminosidade. Por extensão, isto aplica-se não só às realidades materiais, mas também às espirituais. Neste sentido, quando se refere à luz, São Boaventura não se limita a pensá-la como uma realidade física, como uma qualidade capaz de tornar visíveis e resplandecentes os corpos e a matéria, mas também como expressão de uma realidade metafísica, como tradução da relação de Deus com o mundo e da forma como Ele, a Beleza Absoluta, o Sol Eterno, é capaz de iluminar todas as coisas e, sobretudo, de convocar a alma humana a uma mais excelsa participação na Sua luz.

Compreendemos, deste modo, como São Boaventura entende o universo e o espírito humano como lugar da auto-manifestação de Deus: Ele exprime-se na criação e o Homem, sendo o ser mais belo da criação, e unindo em si a beleza espiritual e material, é a criatura em que a Beleza divina se expressa de forma mais perfeita. De facto, toda a criação é feita pelo Verbo, o *Logos* criador – «Porque é dele, por Ele e para Ele que tudo existe. Glória a Ele pelos séculos! Ámen.» (Rm 11, 36) –, mas o Homem, em específico, em virtude da sua criação à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26-28), foi plasmado por Ele e predestinado para ser conforme à imagem de Seu Filho, o Primogénito entre muitos irmãos (cf. Rm 8, 29). Por isso, em São Boaventura estamos diante de uma estética entendida como «expressividade divina»,¹⁰⁸ como espelho do esplendor da Trindade. Conseqüentemente, é necessário que o Homem não se detenha na exterioridade da imagem,¹⁰⁹ mas seja capaz de ascender à verdadeira beleza de que a criação é imagem e expressão. A este propósito, parece-nos útil recuperar a premissa antropológica presente em Santo Agostinho para a intuição de Deus a partir do estudo da estética: «só o homem é *capax Dei*, capaz de intuir a Beleza infinita e suprema que é Deus, contemplá-la nas obras da criação, e através da sua inteligência, memória e vontade, plasmá-la nas obras de arte que por seu intermédio passam a louvar o Criador».¹¹⁰

Neste sentido, fazendo esse caminho de elevação desde as criaturas ao Criador, o Homem, perscrutando os diversos modos de semelhança com Deus, a Luz incriada – aqueles graus de

¹⁰⁷ Cf. Boaventura, «Sermão do 2º Domingo Pós-Páscoa», em Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 49.

¹⁰⁸ Cf. Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 52.

¹⁰⁹ Cf. Boaventura, «*Hexameron*», em Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 53.

¹¹⁰ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 39.

semelhança que São Boaventura distingue como *umbra* (sombra), *vestigium* (vestígio) e *imago* (imagem)¹¹¹ –, deparar-se-á com Aquele que é a arte suprema do Pai, Jesus Cristo. O Verbo Encarnado, expressão máxima e perfeito exemplar de Deus Pai criador do Universo é – recorrendo aos conceitos da «expressividade» e da «exemplaridade» – o cume da estética boaventuriana, que se harmoniza com a Tradição quando a Escritura aplica a Cristo as seguintes palavras: «Tu és o mais belo dos filhos dos homens! O encanto se derramou em teus lábios! Por isso, Deus te abençoou para sempre» (Sl 45 [44], 3).

Assim, São Boaventura entreabre-nos a porta para a profunda relação entre a dimensão estética e a dimensão espiritual. A realidade que circunda o Homem, tecida e povoada de sinais do Criador, e que o convida a uma autêntica contemplação, é a forma mais eficaz de compreender a arte divina e, conseqüentemente, conduzi-lo a uma maior e íntima relação com Aquele que construiu o Universo. Ao criar o mundo, Deus possibilita ao Homem um encontro com a beleza, ou melhor, concede ao Homem a oportunidade de amar e contemplar a realidade para assim, a partir dela, O conhecer; portanto, interpenetrando-se a beleza e o conhecimento, Deus apresenta-se acessível à razão cognoscente.

«E quando as estrelas vejo arder no céu, / Digo para comigo, pensando: / Para quê tantas luzes? / O que faz o espaço infinito e o profundo / Céu sereno? / Que significa esta / solidão imensa? E eu que sou?».¹¹² Estas palavras de Giacomo Leopardi exprimem, de forma singular, a experiência em que o sentido religioso do Homem se revela. De facto, através do espetáculo da Criação, que Boaventura, como santo franciscano, tanto valoriza, o impacto com a realidade, nas suas variadas formas e melodias, e com aquilo que ela causa de espanto e admiração, é o meio para compreender o que Deus desperta no ser humano: um sentido que anseia por captar na sua totalidade estas manifestações de beleza, às quais o Homem procura responder, não obstante a sua natureza finita e limitada que se revela pequena diante da incompreensível, mas inconfundível, plenitude de Deus.

1.2 *Hans Urs von Balthasar, uma estética cristológica.*

1.2.1. O «Todo no Fragmento».

Recebemos de Hans Urs von Balthasar uma primeira conceção de beleza «desinteressada».¹¹³ Não porque seja alheia ao nosso quotidiano, mas porque a beleza,

¹¹¹ Cf. Boaventura, «*I Sententiarum*», em Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 55

¹¹² Giacomo Leopardi, «Canto nocturno de um pastor errante da Ásia», em *Cantos* (Lisboa: Vega, 1986), 71.

¹¹³ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 133.

remetendo para uma dimensão de gratuidade, não pretende comunicar-se a si própria, mas procura ser fiel anunciadora de um Outro. Neste sentido, a beleza apresenta-se como um remédio indispensável para a alma humana, que vive num mundo tantas vezes pautado por interesses imediatos, numa sociedade em que não se faz o bem sem esperar retorno ou em que a vida corre apressadamente sem ousar dar tempo ao tempo para qualquer olhar contemplativo. Contrariando tudo isto e oferecendo uma outra lógica, a beleza ergue um pórtico para a entrada do espanto, para o encontro misterioso entre o imanente e o transcendente, entre o finito e o infinito.¹¹⁴

A estética grega referia uma «harmonia proporcionada» entre os vários elementos de uma obra de arte.¹¹⁵ Diz-nos São Tomás, por exemplo, que esta harmonia se pode sintetizar em três características: a *integritas* (integridade), a *consonantia* (no sentido de proporcionalidade) e a *claritas* (inteligibilidade irradiada).¹¹⁶ Balthasar, por sua vez, evocando os grandes crucifixos – que mostram a pobreza majestosa das igrejas, prestando, aparentemente, testemunho contrário ao dos cânones clássicos, e carregam uma beleza contida no sofrimento, num silêncio, tantas vezes, inconsolável e incompreensível –, introduz-nos num paradoxo. A mesma beleza, que se apresenta como o esplendor do Bem e da Verdade, e que parece aqui não resplandecer, Balthasar apelida de «Todo no Fragmento»: «Aquele *Logos*, no qual tudo o que existe no Céu e na Terra, está recolhido e possui a sua verdade, cai ele mesmo na obscuridade, na angústia».¹¹⁷

De facto, este fragmento, que, paradoxalmente, parece ser brilho comunicante de uma Totalidade, e que desinteressadamente a ela conduz, personifica-se na Pessoa de Jesus Cristo, o Verbo eterno, que, e parafraseando um dos versículos do hino *Te Deum*, para salvar o homem, tomou a condição humana; Cristo, o coração sempiterno, que Se aniquilou, faz-Se Fragmento para dar espaço à mendicância: «O verdadeiro protagonista da história é o mendicante: Cristo mendicante do coração do homem, e o coração do homem mendicante de Cristo».¹¹⁸

¹¹⁴ Não entrevemos melhor descrição para este encontro senão nas palavras de T. S. Eliot: «Para a maioria de nós há apenas o negligenciado / Momento, o momento dentro e fora do tempo, / O assomo de descuido, perdidos num feixe de luz do Sol, / O tomilho bravo que não se vê, ou o relâmpago de Inverno / Ou a queda-d'água, ou música ouvida tão profundamente / Que não é de todo ouvida, mas tu és a música / Enquanto a música perdura.» Thomas S. Eliot, «As Dry Salvages», em *Poemas Escolhidos*, trad. Gualter Cunha (Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2016), 189.

¹¹⁵ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 133.

¹¹⁶ Cf. Tomás de Aquino, *Suma*, I, q. 39, a. 8: «*Species autem, sive pulchritudo, habet similitudinem cum propriis filii. Nam ad pulchritudinem tria requiruntur. Primo quidem, integritas sive perfectio, quae enim diminuta sunt, hoc ipso turpia sunt. Et debita proportio sive consonantia. Et iterum claritas, unde quae habent colorem nitidum, pulchra esse dicuntur.*»

¹¹⁷ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 134.

¹¹⁸ Luigi Giussani, Stefano Alberto e Javier Prades, *Gerar Rasto na História do Mundo* (Lisboa: Paulus, 2019), 11.

1.2.2. A forma como encarnação da Beleza.

Como vemos, a beleza não pode ser abreviada a uma conformidade com determinados cânones artísticos de proporcionalidade e de inteireza. Contudo, também seria uma atitude desonesta dispensar completamente esses paradigmas de outrora. É verdade que «o belo cristão inscrito no coração do Mistério da morte e ressurreição do Senhor nunca poderia circunscrever-se à proporcionalidade harmoniosa, eventualmente mensurável, da beleza helénica»;¹¹⁹ no entanto, Balthasar, ao reconhecer as limitações e, até mesmo, a insuficiência da forma, não deixa de destacar também a sua importância.

Ainda sobre o belo, o teólogo distingue dois momentos para serem relacionados reciprocamente – «estes dois momentos, que determinaram desde sempre toda a estética, podem ser definidos com São Tomás de Aquino como forma e esplendor, *species* e *lumen*».¹²⁰ Apesar de compreender a linguagem artística contemporânea, que persegue a deterioração das antigas ideias de proporcionalidade e forma e, prescindindo delas, se dedica a explorar o abstrato nas suas obras, Balthasar demarca-se dessa posição afirmando que «só através da forma é que se pode ver o relâmpago da beleza eterna».¹²¹ A forma, não exercendo qualquer tipo de obstáculo ao esplendor, procura ser modo para uma encarnação da Beleza; intenta ser modo para tornar a luz (*lumen*) concreta, isto é, revelada.

1.2.3. Cristo, o paradigma da beleza.

Segundo este teólogo, a estética teológica, para ser fiel ao seu objeto, deve desenvolver-se em duas direções: como uma doutrina da percepção da forma de Deus que Se revela e como doutrina da encarnação da Glória de Deus e da conseqüente elevação e participação do homem na Sua glória.¹²²

Portanto, neste sentido, a estética teológica balthasariana integra uma justa compreensão da «encarnação» artística, enquanto o esplendor (*lumen*) da beleza se diz na concretude de uma forma ou expressão particular e artística, e uma visão da beleza como «redentora», como um predicado transcendental capaz de elevar o coração do Homem à vida divina.

Contudo, para nos apercebermos desta faculdade redentora da beleza, cremos na necessidade de um método capaz de educar um olhar mais atento. A perscrutação da beleza na sua

¹¹⁹ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 134.

¹²⁰ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 135.

¹²¹ Hans Urs von Balthasar, «Gloria», em *Introdução à Estética e Teologia*, Aguiar de Castro, 135.

¹²² Cf. von Balthasar, «Gloria», em *Introdução à Estética e Teologia*, Aguiar de Castro, 141.

magnificência – uma magnificência «desinteressada» que, sem se fechar sobre si mesma, encaminha sempre para o Transcendente – pode ser-nos impossível se não houver esta educação do olhar que, mais do que interligado ao imediato e ao superficial, cultive um «olhar espiritual», capaz de romper «a película da efemeridade e entrar nessa interioridade que lhe dá acesso não só ao agradável, mas também ao belo».¹²³

Estes princípios que caracterizam a nossa relação com a beleza, descubrem a sua concretização decisiva e definitiva no próprio Cristo. Através do Seu próprio Filho, Deus comunica-se de uma forma concreta e humana (cf. Hb 1, 1-2). Sendo «a suma beleza, porque é a forma de Deus neste mundo»,¹²⁴ é no Verbo Encarnado que «a *proportio*, a *claritas* e a *integritas* encontram a sua plena e máxima expressão, convocando-nos àquela beleza que procede do interior, só discernível pelo olhar espiritual que, todavia, nos conduz ao deleite próprio da percepção e da visão físicas».¹²⁵

Assim, em Cristo dá-se o paradigma da beleza. N’Ele, para além da forma não constringir nem limitar o esplendor, mas antes o revelar de um modo mais evidente, encontramos a sublime arte de compreender a beleza como meio para o Pai, o seu horizonte mais profundo e final. Neste sentido, transpondo esta ideia para a arte, Balthasar propõe que esta, não dispensando a criatividade do artista, não se transforme numa mera técnica ou numa pura exaltação dos criadores,¹²⁶ mas, pelo contrário, transpareça a beleza como aquele portal que conduz aonde «o Absoluto se verte no singular, comovendo, convertendo e extasiando o homem».¹²⁷ Pois bem, para Hans Urs von Balthasar, a ascensão dos homens está garantida pela dependência total à descida de Deus e, portanto, concretiza-se na medida em que «o arrebatamento humano que acompanha a experiência da Beleza não seja fonte de soberba e orgulho, mesmo que fundado na criatividade, mas recetividade contemplativa ao mistério divino e à manifestação da Glória».¹²⁸

¹²³ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 136.

¹²⁴ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 139.

¹²⁵ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 138.

¹²⁶ Transformar-se-ia a arte numa caricatura tão bem narrada por Tolstói: «centenas de milhares de pessoas dedicam, desde a infância, toda a sua vida a aprender a mover rapidamente as pernas (bailarinos), outros a aprender a acionar teclas ou a dedilhar cordas com rapidez (músicos); outros ainda a aprender a usar tintas e desenhar tudo quanto virem (pintores); um quarto grupo a saber como alterar o sentido de qualquer frase e para cada palavra encontrar uma rima. E tais pessoas, muitas vezes bondosas, inteligentes, capazes de qualquer trabalho útil, ficam selvagens nestes trabalhos exclusivos e estuprificantes, tornando-se ignorantes em relação aos fenómenos sérios da vida, maniqueístas e inteiramente satisfeitas consigo próprias, especialistas que só sabem mexer os pés, a língua ou os dedos». Lev Tolstói, *O Que é a Arte?* (Lisboa: Gradiva, 2013), 32.

¹²⁷ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 141.

¹²⁸ Aguiar de Castro, *Introdução à Estética e Teologia*, 142.

1.3. Luigi Giussani.

1.3.1. O desejo que nos habita.

Don Giussani, como nos recorda Joseph Ratzinger na homilia do seu funeral, «cresceu numa casa pobre de pão, mas rica de música; e assim, desde o início, foi tocado, aliás, ferido, pelo desejo de beleza, não se contentando com uma beleza qualquer, com uma beleza banal: procurava a própria Beleza, a Beleza infinita».¹²⁹ De facto, estas breves palavras do então Cardeal Ratzinger tornam clarividente que, em Luigi Giussani, o tema da beleza não é aspeto marginal da realidade, estetizante num sentido redutor do termo, mas um assunto central de toda a sua vida e de todo o seu método educativo que, constantemente, o levou a encontrar Cristo e, em Cristo, a beleza verdadeira, isto é, o caminho da vida e a verdadeira alegria.

Procurar a beleza foi sempre a prioridade de Luigi Giussani e, sobretudo, a chave para compreender as suas ações, os seus pensamentos e alguns dos seus escritos. Tendo em conta toda a sua história, brevemente exposta na primeira parte deste trabalho – e aqui é de salientar o ambiente familiar em que cresce, assim como o seu percurso formativo, pastoral e académico –, parece-nos que a urgência de despertar no Homem o ímpeto de se pôr diante da realidade totalmente disponível para uma experiência de provocação, deixando-se interpelar por sinais que o remetem para uma outra realidade, nasce não apenas de um simples sentimento, de um mero movimento mental inclinado a maravilhar-se com a beleza da natureza ou de uma sensibilidade afinada à maravilha das obras de arte, mas de um desejo que o habita e que dá vida ao sentimento e à razão, um desejo de verdade e de beleza. Portanto, o quotidiano de Giussani, seriamente comprometido com este desejo que se percebe aquando de uma vivência total do real, reveste-se de uma procura incessante de amar a beleza, isto é, de amar uma verdade que constrói.¹³⁰

Preocupado em reconstruir um sujeito que seja capaz de reconhecer a verdade, a evidência das coisas, e de aderir a elas, Giussani apresenta uma aceção de beleza que torna apaixonante qualquer facto, mesmo no meio da indiferença provocada pelo niilismo corrente, «o niilismo alegre, [no sentido em que] é privado de inquietude (talvez pudesse ser definido pela supressão do *inquietum cor meum* agostiniano)».¹³¹ Completamente paradoxal ao comum significado de beleza, procura transitá-la do imediato domínio do efémero, cuja leitura se pode esgotar

¹²⁹ Joseph Ratzinger, «Homilia do funeral de Luigi Giussani», acedido a 27 de abril de 2023, <https://portugues.clonline.org/not%C3%ADcias/igreja/2022/02/28/ratzinger-funeral-giussani>.

¹³⁰ Cf. Claudio Risé, *Don Giussani e la ricerca della bellezza*, 1. ed (Venezia: Marsilio, 2006), 11.

¹³¹ A. Del Doce, «Lettera a Rodolfo Quadreli (1984)» em *A Beleza Desarmada*, Julián Carrón, 1. ed (Cascais: Lucerna, 2016), 88.

facilmente num simples atributo decorativo sem sentido, para um domínio absoluto que, levando a questionar a profundidade do ser, autentique o pensamento do Homem e colabore no verdadeiro entendimento da existência humana.

Desta feita, encarnando o adágio paulino de não se conformar com as coisas deste mundo (cf. Rm 12, 2), Giussani opõe-se conscientemente à mentalidade dominante. Ao deparar-se com a proposta da modernidade, desafia-a a reconhecer que o mal profundo pelo qual é afectada não deriva somente de uma má consciência, mas de uma perda cultural à qual é possível e necessário oferecer uma proposta que se guie pela prevalência do real sobre o ideal. Portanto, propondo a beleza como elo fundamental inerente à própria modernidade, deseja desmascarar aquelas circunstâncias e eventos que dela se servem para esconder o seu nada; deseja recuperar aquela beleza ousada que ao longo da história deu vida a tantas obras de arte e que, não se resignando à subtração de significado que se quer impor a ela, procura, acima de tudo, falar ao coração sedento do Homem.¹³²

1.3.2. A beleza enquanto sinal.

O itinerário que tivemos oportunidade de aprofundar no primeiro capítulo – tentar mostrar que o sentido religioso, enquanto característica própria da existência, é a capacidade que nos habita de entrar em relação com Deus –, manifesta-se como particularmente urgente numa época em que se dá uma revolução de consciência, onde a superficialidade parece ditar o pensamento e reduzir todas as coisas à sua aparência, transformando qualquer instante de vida num mero e efêmero prazer trivial. Neste sentido, Luigi Giussani propõe, como resposta a esta preocupante situação, um método de conhecimento da realidade que a procura intuir em todas as suas dimensões sugerindo a beleza como caminho. Esta, para o autor, é uma abertura e um sinal da existência de Deus, capaz de despertar as perguntas últimas que habitam o coração humano e de saciar o desejo que o habita. Assim, tendo a certeza de que a realidade não se esgota naquilo que imediatamente é visível ou tangível, mas é sempre sinal de uma outra realidade, apresenta-nos o espanto e a surpresa diante de tudo como ponto de partida para o renascimento da consciência do Homem e como princípio para descobrir a Verdade da qual tudo é sinal e manifestação. Disto são testemunhas as palavras que agora transcrevemos:

Vamos supor que nascemos, que saímos do seio materno, com a idade que temos agora, quanto ao desenvolvimento e à consciência que agora podemos ter. Qual seria o primeiro, o

¹³² Cf. Risé, *Don Giussani e la ricerca della bellezza*, 14.

absolutamente primeiro sentimento, ou seja, o primeiro factor da reacção perante o real? [...] seria dominado pela maravilha e pelo espanto diante das coisas, como por uma “presença”. [...] O espanto, a maravilha desta realidade que se me impõe, desta presença que me investe, está na origem do despertar da consciência humana.¹³³

De facto, se o primeiro sentimento do Homem é o de se saber circundado por uma realidade que não é sua, que não depende dele, mas de que ele depende, significa que este, ao embater com o dado da realidade, sabe-se a acolher um dom. O espanto diante daquilo que lhe está a ser dado constitui, portanto, a primeira intuição originária: o espanto diante do dado e do eu como parte deste dado, existente, e que é oferecido para se fazer parte com ele. Fazendo esta experiência, possível e transversal a todos os homens, a beleza aparece como uma possibilidade de provocação, como uma lente que permite intuir uma outra realidade que é o sentido de tudo. Maravilhando-se com a realidade – isto é, o espanto originário –, surge, inevitavelmente, o sentido de beleza que a reveste e que nos faz remeter para um Outro que é a sua origem: «A atracção de uma beleza segue uma trajetória paradoxal: quanto mais bela for, tanto mais chama para outrem. A arte (pensemos na Música!), quanto maior for, tanto mais abre, não fecha, escancara o desejo, é sinal de outro».¹³⁴

1.3.3. Cristo, a Beleza infinita.

Recuando aos seus primeiros anos de seminário, compreendemos melhor o protagonismo da busca da beleza na vida de *Don Giussani*. Ao ler os *Cantos* de Giacomo Leopardi, sobretudo um, o hino *Alla sua donna* («À Sua Dama»),¹³⁵ comove-se profundamente. Ainda que tivesse embatido com este poeta no oitavo ano, só quatro anos depois, numa aula, ao ouvir uma explicação de um dos seus professores acerca da primeira página do Evangelho segundo São João, persente aquilo que acabará por mudar radicalmente a sua vida. Para ele, a partir daquele momento, o instante deixa de ser uma banalidade e encontra, a partir das palavras daquele professor, a razão de ser de tudo o que existe, portanto tudo o que é belo, verdadeiro, atraente e fascinante.

¹³³ Giussani, *O Sentido Religioso*, 141-2.146.

¹³⁴ Giussani, *O Sentido Religioso*, 159.

¹³⁵ «Se das eternas ideias / Uma tu és, a que de sensível forma / Vestir não quis a sabedoria eterna, / Nem entre caducos despojos / As angústias provou da funérea vida; / Ou se outra terra, nas celestes rotas, / Entre mundos inumeráveis te acolhe, / E mais bela que o sol próxima estrela / Te ilumina, e mais benigno ar respiras, / Daqui, onde infaustos e breves são os anos, / De ignoto amante este hino recebe.» Leopardi, «À Sua Dama», em *Cantos*, 49-50.

Naquele «belo dia», assim por Giussani apelidado, quando o seu professor Gaetano Corti explica que «O Verbo de Deus, ou aquilo de que tudo consiste, fez-se carne, [...] a beleza fez-se carne, a bondade fez-se carne, a justiça fez-se carne, o amor, a vida, a verdade fez-se carne: [...] fez-se carne, é um de nós», lembra-se da poesia de Leopardi e percebe que ela, mil e oitocentos anos depois, traduz «um pedido, uma mendicância daquele acontecimento que já tinha acontecido e que São João anunciava: “O Verbo fez-Se carne”»;¹³⁶ mais do que uma exaltação de atributos da «Sua Dama», é uma descoberta de que o que o poeta «procurava na mulher amada era “alguma coisa” para além dela, que se manifestava, se comunicava nela, mas estava para além».¹³⁷ Portanto, embarcando nas inquietações deste grande poeta, que afirmam o anelar dos desejos infinitos e das interrogações que constituem o coração do Homem, Giussani intui a existência do mistério, da Beleza que permite belas todas as coisas. Associando os versos de Leopardi ao Prólogo do evangelista João (cf. Jo 1, 14), apercebe-se da ousadia e da sabedoria eterna da Beleza que, fazendo-se carne, vivia entre os homens; apercebe-se de que aquele génio literário, sem se dar conta, intui a figura de Cristo.

A Beleza – salientando-se aqui com a primeira letra em maiúsculo – que se esconde atrás do rosto da «mulher amada» é, para Giussani, uma profecia inconsciente da encarnação de Cristo. Assim, estabelecida a íntima relação com a obra poética de Leopardi, marca-se o início da viagem cujo horizonte transcende a «mulher» que o homem ama para um ideal maior de beleza, de bondade e de verdade.

Portanto, admitindo a beleza como uma forma superior de conhecimento, como uma linguagem e um sinal capazes de despertar uma atração pelo Indizível, Giussani insere-se na linha da tradição cristã de reconhecer em Cristo a beleza da Verdade, a beleza do próprio Deus, a Beleza infinita; comungando da conceção de teólogos seus contemporâneos, sobretudo a de Hans Urs von Balthasar, atrás apresentada, encontra na beleza de Cristo aquele que deve ser o objetivo de qualquer beleza: o pórtico de acesso ao Absoluto. Para *Don* Giussani, poder-se-á dizer que «o encontro com a beleza de Cristo que resplandece no rosto de um homem pode transformar-se em flecha que fere a alma e, deste modo, abrir-lhe os olhos, permitindo o reconhecimento d’Ele».¹³⁸

¹³⁶ Luigi Giussani, «L’avvenimento cristiano. Uomo Chiesa Mondo», em Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 53.

¹³⁷ Giussani, «L’avvenimento cristiano. Uomo Chiesa Mondo», em Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 49.

¹³⁸ Carrón, *A Beleza Desarmada*, 108.

2. A música: uma linguagem da beleza cristã.

A *via pulchritudinis*, que, desde cedo, encontra lugar na tradição cristã e se caracteriza por ser não só um meio eficaz de educação na fé e de catequese, mas também de instrução e introdução à estética e à contemplação da beleza artística, apresenta em si várias formas de linguagem que, ao distanciarem-se da comunicação do efêmero, elevam ao Belo Supremo. O Papa São João Paulo II, numa carta aos artistas, recordando a urgente associação da beleza à realidade concreta da vida cristã, di-lo afincadamente: «a beleza é chave do mistério e apelo ao transcendente».¹³⁹

Neste sentido, a arte de inspiração cristã, que ao longo dos séculos tem procurado ser sinal do Evangelho, não tem outro objetivo senão o de convidar para uma melhor compreensão do mistério cristão. Assim coopera a música. Ela, a par com a pintura, a arquitetura e as demais artes figurativas, faz-se presente nos primórdios do Cristianismo, tem vindo a florescer e tem dado ao Homem a possibilidade de dar expressão à sua natureza, «aos seus problemas e à experiência das suas tentativas para conhecer-se e aperfeiçoar-se a si mesmo e ao mundo; e tentam identificar a sua situação na história e no universo, dar a conhecer as suas misérias e alegrias, necessidades e energias, e desvendar um futuro melhor» (GS 62).

2.1. A música nas origens do Cristianismo.

Passados 753 anos da fundação da Cidade de Roma, em Belém, dá-se o Acontecimento mais decisivo da história de toda a Humanidade: o nascimento de Jesus Cristo. Este, que viveu a sua juventude em Nazaré, que pregou na Galileia e que foi crucificado, morto e sepultado, que ressuscitou e ascendeu aos Céus, suscitou em muitos o desejo da pertença a uma comunidade duradoura que ainda perdura nos nossos tempos, o Cristianismo.

Esta religião, desde cedo, na sua liturgia e, sobretudo, na sua vivência, manifesta a presença do canto. São Nicetas de Remesiana,¹⁴⁰ nos primeiros anos do século V, recorda-nos a importância do canto nos relatos dos evangelhos; também Paulo e Silas não deixaram de cantar louvores a Deus na prisão (Cf. At 16, 25-26); assim também, exorta São Tiago: «Está alguém, entre vós, aflito? Recorra à oração. Está alguém contente? Cante salmos.» (Tg 5, 13-14). Da mesma forma, no final da Última Ceia se cantaram os salmos;¹⁴¹ no *ágape*, isto é, uma refeição

¹³⁹ João Paulo II, «Carta do Papa João Paulo II aos Artistas» (1999), 16, acedido a 14 de setembro de 2023, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html

¹⁴⁰ Cf. David Cranmer, *Cantate Domino: Introdução à Música Sacra* (Lisboa: Paulus, 2007), 11.

¹⁴¹ «Depois de cantarem os salmos, saíram para o Monte das Oliveiras» (Mt 26, 30). A Ceia Pascal terminava com os Salmos *Hallel* (113-118) rezados, provavelmente, em ação de graças, recordando a libertação do Povo Eleito.

comum e ritual do fim do dia, também era frequente o uso do canto,¹⁴² sob a forma de recitação e de hinos.¹⁴³

Entretanto, dão-se diversas perseguições,¹⁴⁴ e só no ano de 313, aquando da promulgação do Édito de Milão, onde era conferida, por parte do Imperador Constantino e de Licínio, a liberdade aos cristãos,¹⁴⁵ a Igreja ressurge visivelmente; o Cristianismo saindo das catacumbas, expande-se e acaba por permitir a fixação de vários centros de liturgia por todo o Império que, sendo oficializada no mundo romano, começa a ser organizada e regulada por ritos padronizados e cânones que vão ser modelos por muitos séculos. Então, erigidos templos sumptuosos, a música começa a enriquecer a sua amplitude e «a execução dos salmos dá o triunfo pleno ao canto antifónico»:¹⁴⁶ o livro de salmos, preciosa herança legada pela escola de mestres cantores da Sinagoga – David, Salomão e Zacarias –, constituindo o grande tesouro textual e, recitadamente, musical, da liturgia cristã, era cantado e introduzido por uma antifona.¹⁴⁷ Mais tarde, segue-se a junção dos hinos,¹⁴⁸ um género absolutamente distinto do salmo, mas que serve de saudável mediador entre a melopeia vocal da antiguidade clássica e o canto litúrgico. Estabelece-se, então, a clara consciência de que a música, enquanto expressão sonora, não é apenas um entretenimento, mas um solene meio para louvar a Deus Criador.

2.2. A importância do Canto Gregoriano.

Ainda no século IV, é notória a introdução sistemática da salmodia, quer na Eucaristia, quer nos Ofícios da manhã e do fim do dia, celebrados nas catedrais aos sábados e domingos. A par disto, nos meados do mesmo século, a coincidir com o saque de Roma, em 410, por Alarico, o vasto trabalho missionário e a conversão ao Cristianismo de diversos povos com diferentes

¹⁴² Diz-nos Tertuliano (170-225): «Não se reclina à mesa sem primeiro saborear uma oração a Deus; e depois come-se o que tomara quem tivesse fome e bebe-se com moderação [...] Tendo lavado as mãos e acendido os candeeiros, encoraja-se cada um que avance para o meio da sala para cantar a Deus, ou das Escrituras Sagradas ou de invenção própria. [...] De forma semelhante, o convívio termina com oração». Em David Cranmer, *Cantate Domino: Introdução à Música Sacra*, 11.

¹⁴³ Deve-se atender à evolução semântica: na antiguidade, a recitação não era somente leitura, mas entoação ritmada musicalmente. Curiosamente, São Justino, nas notáveis descrições que nos chegam da celebração da Eucaristia, não faz qualquer alusão ao uso frequente do canto salmódico. Cf. Justino, *Apologia I*, 67 (São Paulo: Paulus, 1995), 59.

¹⁴⁴ Veja-se, por exemplo, a perseguição do Imperador Diocleciano, no ano de 303: a grande perseguição, com o objectivo de tentar, revogando os direitos dos cristãos (ao demolir as igrejas cristãs, destruir possíveis cópias da Sagrada Escritura, privar os cristãos dos cargos públicos, etc.), restaurar a unidade estatal, através da promoção das práticas religiosas tradicionais da Roma Antiga.

¹⁴⁵ Cf. Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica* 10 (São Paulo: Paulus, 2000), 288.

¹⁴⁶ José Subirá. *História de la Música*. 3ª ed., vol. 1. (Barcelona: Salvat Editores, S. A., 1958), 188.

¹⁴⁷ Cf. Franco Abbiati. *Storia della Musica* (Milão: Garzanti, 1956), 19.

¹⁴⁸ Os hinos, ao contrário dos salmos, que são textos do Antigo Testamento - apresentados em forma paralelística (característica própria da música hebraica) -, desenrolam-se sobre vários temas religiosos, formando estrofes melódica e silabicamente semelhantes. Cf. Subirá, *História de la Música*, 189.

culturas provocaram a impossibilidade de manter qualquer uniformidade litúrgica entre as variadíssimas neocomunidades cristãs espalhadas pela Europa.

Indubitavelmente, nascem práticas locais diferentes umas das outras e, portanto, uma evolução de ritos distintos.¹⁴⁹ À luz desta diversidade litúrgica, surgem, naturalmente, associadas aos vários ritos, distintas tradições de cantochão,¹⁵⁰ isto é, melodias e formas de cantar diferentes. Daqui, podemos entender a génese, assim como a evolução do canto gregoriano, um canto que, certamente, dada a vasta tradição musical, assenta nas influências da música judaica, no grego e, posteriormente, no latim. É de se deixar bem claro que não se trata de uma forma musical composta ou sistematizada por uma única figura, pois, como pudemos ver, há toda uma longa tradição musical.

Neste sentido, a fixação da monodia gregoriana conta com personagens muito importantes: Santo Ambrósio, bispo de Milão, que, no século IV, adaptou elementos importantes da música grega, congregou hinos e estabeleceu um padrão de música para a sua diocese; o Papa São Gregório Magno, que, no século VI, aproveitando a colecta de hinos por parte de Santo Ambrósio, estendeu para toda a cristandade um padrão musical que foi imutável por séculos – o canto gregoriano – e que, pela primeira vez, formou uma *schola cantorum*, cujo objetivo era preparar cantores para os Ofícios Divinos.

Na Igreja Ocidental, surgiu também, no século IX, a primeira tentativa de polifonia, em que a melodia principal (cantochão – *vox principalis*) cantava paralelamente com uma segunda voz (*vox organalis*). Séculos mais tarde, no século XII, fixou-se o verdadeiro sentido da polifonia, em que as duas vozes não se movem paralelamente, mas sim contrariamente (*discantus*).¹⁵¹ Não demorou até se acrescentar uma terceira, quarta ou, até mesmo, uma quinta voz, surgindo assim a notação contrapontística, isto é, uma grafia de execução mais difícil.¹⁵²

Assim, o canto gregoriano, que nasce no seio dos remotos atos litúrgicos e que, com o passar dos séculos, se tornará a expressão melódica da Igreja nas celebrações litúrgicas dos Divinos Mistérios, faz-nos reconhecer a música como uma linguagem especial, mostrando a porta que no sensível se pode abrir ao eterno, incentivando tantos outros compositores musicais – do

¹⁴⁹ Veja-se, por exemplo, o Rito Bizantino (que após a rutura de Bizâncio desenvolveu para o Rito Ortodoxo), o Rito da Gália (França), o Rito Ambrosiano (Milão), o Rito Moçárabe (Península Ibérica), etc.

¹⁵⁰ Cf. José Aldazábal, «Gregoriano (canto)», em *Dicionário Elementar de Liturgia* (Prior Velho: Edições Paulinas, 2008), 130: «O canto gregoriano, chamado também “canto-chão”, tem as seguintes características: é canto a uma só voz, de ritmo livre, de tonalidade diatónica (em oito tons básicos), que não necessita de acompanhamento musical. Apesar de ter perdido muito terreno, a favor do canto polifónico ou popular, o gregoriano continua a ter um sentido muito notável na celebração cristã, sempre que os cantores ou a comunidade o possam cantar, pelo menos nas suas peças mais acessíveis. Também, fora da celebração, volta a ter um apreço notório, devido ao seu valor cultural e às suas qualidades serenantes».

¹⁵¹ Cf. Manuel Domínguez Merino, *Cantamos: melismas y tropos* (Mérida: Colección Eulaliense, 1995), 103-4.

¹⁵² Cf. Cranmer, *Cantate Domino: Introdução à Música Sacra*, 18-9.

Renascimento ao Contemporâneo, passando pelo Barroco, pelo Clássico e pelo Romântico – a colaborar no incentivo exortativo de São Paulo: «entre vós, cantai salmos, hinos e cânticos espirituais; cantai e louvai o Senhor com todo o vosso coração; sem cessar, dai graças por tudo a Deus Pai, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo» (Ef 5, 19-20).

2.3. *O vínculo ao Mistério.*

Reconhecer o canto gregoriano como um marco da valorização da música no seio eclesial cristão e qualificá-lo como «uma forma de oração»,¹⁵³ pois permite uma estrita relação entre a expressividade musical e a expressividade textual, equivale a afirmar que este possui uma sublime dimensão mediática. De facto, se a música de cariz melismático, figurativa e tradicionalmente de escrita quadrada e em quatro linhas, atuou como «um caminho, um meio de transporte» para que o Homem se pudesse encontrar com Deus, acreditamos também que hoje, ainda que em diferente moldura ou revestimento, a música pode ser uma linguagem para suscitar no coração do Homem uma curiosidade de mistério, para o Mistério.¹⁵⁴

Neste sentido, como as demais artes, a música pode ser esse instrumento que não só desperta para a manifestação do Divino, como também pode dar-Lhe forma. É claro, e somos alertados para isso, a música nunca poderá esclarecer o «Todo» – diríamos numa perspetiva balthasariana –,¹⁵⁵ mas tem a capacidade de mostrar a forma do Divino.¹⁵⁶ Diz-nos M. Thérèse Henderson:

A música contribui para «dar forma» ao Divino, o qual, no entanto, não se esconde totalmente nela, mas supera-a, e parece agir nela «como através de um véu subtil». Um véu que, graças à sua transparência, não impede a luz de o atravessar, mas, graças às sombras das suas pregas, protege-nos de ser feridos e cegados.¹⁵⁷

Este véu, que evoca de imediato o sinal profético do véu do Templo (cf. Mt 27, 51), é precisamente aquele que, rasgado, nos permite entrar no Mistério e deixar que esse mesmo Mistério venha até nós e nos habite.¹⁵⁸

¹⁵³ Sequeri, *La Risonanza del Sublime*, 34.

¹⁵⁴ Sequeri, *La Risonanza del Sublime*, 35.

¹⁵⁵ Sucintamente abordado no ponto 1.2. do presente capítulo.

¹⁵⁶ Cf. Tiago Silva, *Música e teologia, música como teologia: uma sonata teológica. A música na estética teológica de Pierangelo Sequeri*. Investigação (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2015), acessado a 2 de outubro de 2023, <http://hdl.handle.net/10400.14/18288>.

¹⁵⁷ Marie Thérèse Henderson, *Il velo sottile: il mistero della musica*, Universitas 8 (Roma: Città nuova, 2011), 20. Tradução Livre.

¹⁵⁸ Cf. Henderson, *Il velo sottile*, 21.

Na Sagrada Escritura, a música aparece constantemente. Desde o Antigo ao Novo Testamento, diversas são as situações em que a música acompanha experiências concretas da vida e do esforço humano. Basta-nos recordar o canto dos filhos de Israel diante do poço – «Sobe, água do poço! Aclamai-o! Poço aberto por príncipes, cavado por gente nobre, com ceptros, com seus bastões!» (cf. Nm 21, 17-18); os banquetes festivos – «Fala, ó ancião, como convém à tua idade, mas fala com discrição e acerto, e não impeças a música. [...] Como um rubi em engaste de ouro, assim é a música no meio do festim» (Eclo 32, 3-5); assim como ocasiões dolorosas – «A minha cítara converteu-se em pranto, e a minha flauta em lamentações.» (Job 30, 31) – e de batalha – «O povo gritou e os sacerdotes tocaram as trombetas. Mal o povo escutou o som das trombetas, fez ouvir um grande clamor e as muralhas da cidade desabaram; os filhos de Israel subiram à cidade, cada um pela brecha que tinha na sua frente e tomaram a cidade» (Jos 6, 20). Nos salmos também é evidente. Neles, em contacto com a Palavra divina, a música denuncia qualquer sentimento do coração do Homem.¹⁵⁹ Vejamos o salmo 150, um hino laudatório que recorre a um aparato instrumental: «Louvai-o ao som da trombeta; louvai-o com a harpa e a cítara! Louvai-o com tambores e danças; louvai-o com instrumentos de corda e flautas! Louvai-o com címbalos sonoros; louvai-o com címbalos vibrantes!» (Sl 150). Mas também se faz presente no Apocalipse de São João, em que, contrastando com o sereno silêncio de quem espera, se ergue um cântico novo fortemente ouvido (cf. Ap 5, 6-13).

Portanto, a música, vocal ou instrumentalmente exercida, é aqui vista como um ato de comunicar, não só com o objetivo de transmitir determinado conteúdo, mas sobretudo com o propósito de participar, de estabelecer relação com o Mistério; como «arte de relação», a música surge como uma feliz expressão para auxiliar um povo que anseia articular entusiasmos e súplicas, medos e perguntas, o desejo de vida e a ideia da morte com a certeza de se saber criado pela voz de Deus, uma Voz Bela que chama o homem e a mulher, a par com a criação inteira, a viver na Sua lógica de amor.¹⁶⁰

¹⁵⁹ Cf. Henderson, *Il velo sottile*, 123-4.

¹⁶⁰ Na visão cristã, a primeira manifestação de Deus deu-se através de um som, «uma potente vibração cósmica. O Espírito, antes do tempo, no silêncio, fala e cria: “ele disse e tudo foi criado” (Sl 33, 9). [...] É ainda o som do sopro vital e pessoal do Espírito de Deus que, ao culminar a obra criativa», lhe confere um hálito de vida. Cf. Henderson, *Il velo sottile*, 125.

CAPÍTULO 3: A MÚSICA COMO EXPRESSÃO DO FASCÍNIO PELO BELO

1. A beleza e a música, uma perspetiva de Joseph Ratzinger.

1.1. A beleza, uma premissa para a verdade.

Joseph Ratzinger, que acabará por assumir a barca de Pedro com o nome de Bento XVI, é desde cedo educado num meio cultural muito vincado pela música. Aliás, recordando-se da infância, acaba por expressar uma certa paixão por Wolfgang Amadeus Mozart, nomeando-o até como um dos seus mestres: «quando em dias festivos soava uma Missa de Mozart na nossa Igreja Paroquial de Traunstein, para mim, um jovem rapaz do mundo rural, era como se o Céu se abrisse em nosso redor».¹⁶¹ Como podemos intuir, para ele, a música, aqui perfilada pelo compositor de Salzburgo, não surge apenas como um conteúdo provindo de um pensamento teológico, mas assume, sobretudo, um valor linguístico e espiritual capaz de aplacar o espírito e de suscitar profundos sentimentos que nos podem conduzir ao Nosso Bom Deus.¹⁶²

Neste sentido, à música associa-se o aspeto da beleza. A beleza, uma das principais colunas da obra deste teólogo e do seu pontificado, é o que demarca o Cristianismo e o sustenta nesta sociedade pós-moderna e esteticista. Na sua teologia, a dimensão estética constituirá uma instância que permanece constantemente no horizonte. A beleza torna evidente e realça o que a verdade tem de mais atrativo e por isso é que a fé cristã, há séculos sem fim, procura a fiel contribuição da arte porque, tal como proferiu o seu santo predecessor, «para transmitir a mensagem que Cristo lhe confiou, a Igreja tem necessidade da arte. De facto, deve tornar perceptível e até o mais fascinante possível o mundo do espírito, do invisível, de Deus. Por isso, tem de transpor para fórmulas significativas aquilo que, em si mesmo, é inefável».¹⁶³

Portanto, e não ignorando qualquer experiência subjetiva que se possa ter diante de uma esplendorosa obra de arte – neste caso, uma peça musical –, o aspeto da beleza é aqui tido como uma chave esclarecedora face à perigosa estética romântica, sobejamente enaltecida dos sentidos e dos sentimentos, ou ao racionalismo desenfreado, militante no conceber a razão como única forma de conhecimento. A beleza estética supera tudo isto. A razão, como caricatamente descreveram os teólogos medievais, «tem o nariz coberto de cera», na medida em que pode

¹⁶¹ Hans Urs von Balthasar, Karl Barth e Bento XVI, *Confissão por Mozart*, 1ª ed. (Cascais: Príncipia Editora, 2012), 53.

¹⁶² Cf. Bento XVI, «Discurso no final do concerto oferecido pela Academia Pianística de Ímola» (2009), acessado a 10 de outubro de 2023, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20091017_concerto-imola.html.

¹⁶³ João Paulo II, «Carta do Papa João Paulo II aos Artistas» (1999), 12, acessado a 10 de outubro de 2023, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_23041999_artists.html.

enveredar por qualquer direção, mas apenas quando é suficientemente inteligente e tenha um olfacto apurado. Contudo, ainda que tudo seja considerado razoável, enfrentamos duas perguntas – «Em quem podemos confiar? Em que direção devemos ir?» – que só podem ser respondidas a partir da beleza; o encontro com ela pode «tornar-se num golpe da flecha que fere a alma e lhe abre os olhos, permitindo-lhe, a partir da experiência, ter critérios de juízo e capacidade para avaliar corretamente determinados argumentos».¹⁶⁴

Portanto, dizer que a beleza cristãmente inspirada, como ajustada balança, é um caminho que nos facilita a compreensão e o alcance a Deus, poderá significar abrir espaço ao encontro com a verdade, verdade esta que, a par com o amor – ambas sinónimo da vocação colocada por Deus no coração e na mente do Homem – se deseja alcançar por um impulso interior (cf. *CV* 1). Vejamos:

Todas as grandes obras de arte, as catedrais – as catedrais góticas e as maravilhosas igrejas barrocas – todas constituem um sinal luminoso de Deus e, portanto, são verdadeiramente uma manifestação, uma epifania de Deus. E no Cristianismo trata-se precisamente desta epifania: que Deus se tornou uma Epifania – oculta aparece e resplandece. Acabamos de ouvir o órgão em todo o seu esplendor, e na minha opinião a grande música que nasceu na Igreja consiste em tornar audível e perceptível a verdade da nossa fé: desde o gregoriano até à música das catedrais, e até Palestrina e à sua época, até Bach e portanto a Mozart e Bruckner, e assim por diante... Ouvindo todas estas obras – as Paixões de Bach, a sua Missa em Si bemol e as grandes composições espirituais da polifonia do século XVI, da escola vienense, de toda a música, inclusive daquela dos compositores menores – repentinamente sentimos: é verdade! Onde nascem realidades deste tipo existe a Verdade. Sem uma intuição que descubra o verdadeiro centro criativo do mundo, tal beleza não pode nascer. [...] Na minha opinião, esta é de certa maneira a prova da verdade do Cristianismo: coração e razão encontram-se, beleza e verdade tocam-se. E quanto mais nós conseguirmos viver na beleza da verdade, tanto mais a fé poderá voltar a ser criativa também no nosso tempo e a exprimir-se numa forma artística convincente.¹⁶⁵

¹⁶⁴ Cf. Pablo Blanco Sarto, *La teología de Joseph Ratzinger: una introducción*, Manuales Pelicano (Madrid: Ediciones Palabra, 2011), 54.

¹⁶⁵ Bento XVI «Encontro com o clero de Bolzano-Bressanone» (2008), acessado a 15 de outubro de 2023, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20080806_clero-bressanone.html

1.2. *A música, uma ascensão para Deus.*

Atónitos perante a arte, apercebemo-nos caminchantes na via da beleza que nos coloca na grandiosidade de Deus e na consciência da nossa pequenez; a arte, que tem a capacidade de expressar a necessidade e a curiosidade do ser humano de ir para além do que lhe é imediatamente visível, é «uma porta aberta para o infinito, para uma beleza e para uma verdade que vão mais além da vida quotidiana».¹⁶⁶ Aqui se revê a música. Para Ratzinger, como já o dissemos anteriormente, ela pode ser verdadeiramente uma «epifania de Deus»; colaborando numa bela visualização do que parece invisível aos nossos olhos, a música poder-se-á tornar num eficaz modo para o crescimento humano e espiritual do Homem, assim como para a sua ascensão para Deus.¹⁶⁷ Ele próprio nos diz que a música, estabelecendo-se como uma linguagem maravilhosa, permite entrar num outro mundo, isto é, «no mundo do outro, de uma Nação, de uma cultura, e permite-nos dirigir também a mente e o coração para o Alto com “A” maiúsculo, ou seja, que nos elevemos para o mundo de Deus».¹⁶⁸

De facto, a música é capaz de elevar o ser humano a um profundo encontro com Deus; contudo, e aqui introduz-se uma nova condição, ela tem de ser de exímia qualidade. A música para remeter para o Divino tem de ser capaz de transcender a esfera unicamente humana; tem de nos fazer sentir a grandeza e a beleza de Deus – não seja ela boa, bela e verdadeira, dificilmente corresponde à boa, bela e verdadeira obra da Criação.¹⁶⁹ Havendo essa correspondência, mais facilmente se dá aquela que é a finalidade, a característica primeira de qualquer obra de arte: a capacidade de abrir e de elevar Àquele que é o Bem, o Belo e o Verdadeiro absolutos.

¹⁶⁶ Bento XVI, «Audiência Geral» (31 de agosto de 2011), acessido a 16 de outubro de 2023, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110831.html

¹⁶⁷ Cf. Joel Valente, *A música ao serviço da fé: estudo sobre o pensamento de Joseph Ratzinger/Bento XVI*. Investigação (Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2015), acessido a 10 de outubro de 2023, <http://hdl.handle.net/10400.14/18799>.

¹⁶⁸ Bento XVI, «Discurso no final do concerto oferecido pelo Governo do Principado das Astúrias» (2011), acessido a 17 de outubro de 2023, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20111126_concerto.html

¹⁶⁹ Ainda cardeal, acentua a necessidade de distinguir o conhecimento por dedução daquele que nasce da comoção do coração humano. Diz-nos: «Resta-me uma experiência inesquecível do concerto de Bach regido por Leonard Bernstein, em Múnaco da Baviera, após o precoce falecimento de Karl Richter. Eu estava sentado ao lado do bispo evangélico Hanselmann. Quando a última nota de uma das grandes de Thomas-Kantor-Kantaten se apaga triunfalmente, olhamo-nos mutuamente e espontaneamente dizemos: “Quem ouviu isto, sabe que a fé é verdadeira”. Naquela música era perceptível uma força tão extraordinária que nos fazia tomar conhecimento da Realidade, não por meio de deduções, mas sim por meio do coração; aquilo não podia ter origem no nada, mas só podia nascer graças à Verdade que se atualiza na inspiração do compositor». Cf. Joseph Ratzinger, «Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação por ocasião do Meeting de Rimini» (2012), acessido a 16 de outubro de 2023, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20020824_ratzinger-cl-rimini_en.html.

Desta forma, a música, enquanto expressão querida à fé, favorece uma intuição do rosto de Deus; através dela, conseguimos saborear as harmonias celestes e tornar o encontro com Ele numa contemplação, num diálogo de amor, em que se dá voz ao desejo de cada Homem de O glorificar: «é difícil encontrar palavras para transmitir a alegria do encontro amoroso da alma com Deus, e no entanto a boa música é capaz de expressar algo do mistério do seu amor por nós, e do nosso amor por Ele».¹⁷⁰

2. A música como forma de Encontro, um desejo de Don Giussani.

2.1. «*Spirto Gentil*», um despertar total.

Em Luigi Giussani podemos encontrar um fiel eco da perspectiva atrás delineada. Tal como Joseph Ratzinger, teólogo seu contemporâneo, também ele se mostra portador de aguda sensibilidade para a música. Desde criança, foi cumulado com um dom precioso: o de ser educado e interpelado para um ouvido atento à música e para nela reconhecer uma privilegiada via de percepção da beleza, capaz de suscitar e de alimentar vivamente o desejo da Beleza infinita, e, conseqüentemente, o encontro com Ela. Este tesouro, para além de ser semeado pela contagiante paixão do seu pai, encontra o seu crescimento e renovação nos anos de seminário; ele próprio nos recorda o dia em que a música, emocionando-o, se desvelou verdadeiramente e o consciencializou de que o facto da existência de Deus é uma certeza plena de significado na sua vida:

Naquele dia, o disco a 78 rotações começou a gritar, e de repente o canto de um tenor, nessa altura muitíssimo famoso, quebra o silêncio da aula. Com uma voz forte e cheia de vibrações, Tito Schipa começou a cantar uma ária do quarto acto de “La Favorita” de Donizetti: “*Spirto gentil, ne’ sogni miei, brillasti un dì, ma ti perdei. Fuggi dal cor mentita speme, larve d’amor fuggite insieme*”.¹⁷¹

Ao ouvir a primeira nota do trecho musical de Gaetano Donizetti, o então jovem seminarista, intuiu, com emoção, que Aquele que o Homem chama de «Deus» é o Destino inevitável para o

¹⁷⁰ Bento XVI, «Discurso aos participantes no congresso da Federação Internacional dos “Pueri Cantores”» (2010), acedido a 25 de outubro de 2023, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20101230_pueri-cantores.html

¹⁷¹ «Espírito gentil, nos meus sonhos brilhaste um dia, mas perdi-te. Foge do coração, esperança gorada, fantasmas de amor, fugi com ela». Cf. Luigi Giussani, *Spirto Gentil: un invito all’ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*, 1. ed. BUR (Milano: Rizzoli, 2011), 12. Tradução livre.

qual nasce e no qual encontra uma exigência de felicidade, felicidade esta que o coração aspira incessantemente; nele estreou-se a percepção de que não podia haver nada sem qualquer significado, de que o coração não podia existir sem o objetivo para o qual foi criado: a felicidade. Naquela voz lírica, Giussani encontra-se com uma evidência decisiva, que acabará por influenciar o sucessivo desenvolvimento da sua consciência religiosa; sente o estremecer de alguma coisa que faltava à sua vida: «havia alguma coisa que faltava e que não teria encontrado apoio, realização, resposta, satisfação em nenhum lado. E, no entanto, o coração exige uma resposta, não vive senão para ela».¹⁷²

2.1.1. O clamor de Chopin, um símbolo da vida.

O gosto do seu pai pela música é colossal e, portanto, desde cedo, *Don Giussani* é introduzido neste abraço que a arte lhe tem para oferecer. De facto, como já o afirmámos oportunamente, a paterna paixão pelo canto e pela música é bastante notória. Quando tinha nove ou dez anos, Beniamino Giussani, para além de levar o pequeno Luigi a algumas das igrejas da Lombardia para ouvir as Missas solenemente cantadas, fazia o sacrifício económico de contratar um quarteto de violinos para lá ir a casa aos domingos à noite tocar música de Schubert.¹⁷³ E assim, nestas circunstâncias, outros compositores lhe são dados a conhecer, acabando por conquistá-lo. O primeiro, adianta-nos ele, é Fryderyk Chopin; sobretudo uma das suas composições: o Prelúdio n. 15 para piano, também conhecido como «A Gota de Água».¹⁷⁴

Esta composição, após muitas audições, faz emergir um pormenor considerado vital na conceção do percurso do homem, assim como na sua representação antropológica. Vejamos:

Tinha ouvido dezenas e dezenas de vezes *A Gota* de Chopin, porque o meu pai gostava muito. [...] Mas, depois de a ouvir dezenas e dezenas de vezes, quando estava sentado na sala e o meu pai pôs ainda este trecho; de repente, percebi que não tinha compreendido nada do que era *A Gota*. [...] Não era a audição instintiva do trecho que fazia com que a sua verdade emergisse: o seu verdadeiro significado era uma coisa aparentemente monótona, tão monótona que se reduzia a uma só nota [...]. Mas quando um homem se apercebe desta nota, é como se o resto passasse para as margens, se tornasse como que a moldura de um quadro: o quadro é todo feito só por esta nota,

¹⁷² Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 53.

¹⁷³ Cf. Risé, *Don Giussani e la ricerca della bellezza*, 31.

¹⁷⁴ Este prelúdio, na tonalidade de ré bemol maior, por ser inteiramente atravessado pela repetição regular de uma nota central que se vai insinuando na harmonia da mão esquerda, é apelidado de «Gota de Água». Cf. Giussani, *Spirto Gentil*, 248.

que se torna como uma fixação, e o eu, do princípio ao fim, é como que percorrido continuamente por este sentimento dominante.¹⁷⁵

A monotonia desta peça rapidamente se transforma na simbólica da beleza que é a vida. O ser humano, peregrino num mundo onde a concupiscência da carne e dos olhos e a soberba da vida estão presentes, (cf. 1 Jo 2, 16-17) facilmente se esquece da meta e percorre o trilho das coisas entusiasmantes e que ilusória e instintivamente o acomodam e o atraem. No entanto, a vida, plasmada nas notas de Chopin, não se resume a um primeiro plano, ao imediato. A vida, modelada por aquela simples e constante nota, torna-se uma fixação ao ouvido, uma fixação que constitui o coração humano: o desejo de felicidade. Este, que pode, por um breve período, ser obliterado, esquecido, volta como a urgência sem a qual o Homem não pode viver.¹⁷⁶

Nesta nota dominante, que «esmaga as pedras e move toda a realidade do tempo e da nossa vida e a move como a água do rio move os seixos, como o mar move a areia»,¹⁷⁷ todas as perguntas que o Homem pode fazer, todas as expectativas que pode ter encontram um significado. Algures, diz-nos que, «depois de ter percebido isto, começou a acontecer-me o mesmo com todos os trechos de música!».¹⁷⁸

2.1.2. Beethoven e a modalidade excepcional.

De facto, a música desperta em Giussani uma tremenda curiosidade a ponto de se sentir abraçado por Algo maior e de levar a sério os passos da sua existência. Basta recuar aos primeiros anos de sacerdote em que, num dos seus regressos ao seminário após o serviço dominical numa das paróquias de Milão, Monsenhor Gaetano Corti, sentado ao piano, tocava para ele a quinta sonata de Ludwig van Beethoven (op. 10, nº 1). Recordando este seu professor sente confirmada a certeza de que a música, escutada, compreendida e vivida dentro de uma amizade, é uma modalidade excepcional, um meio privilegiado para o Homem se educar e deixar que o Mistério fale ao seu coração.¹⁷⁹

Esta sonata de Beethoven, dado o tom menor em que é escrita, dá impressão de um certo abatimento, de uma profunda dramaticidade. No entanto, é precisamente neste ambiente sonoro que Giussani acaba por encontrar o contraste que dá expressão ao seu estado de ânimo e de

¹⁷⁵ Giussani, *Spirto Gentil*, 241-242.

¹⁷⁶ Cf. Giussani, *Spirto Gentil*, 243.

¹⁷⁷ Giussani, *Spirto Gentil*, 244.

¹⁷⁸ Luigi Giussani, «L'autocoscienza del cosmo», em Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 32.

¹⁷⁹ Cf. Sandro Chierici, «Introduzione», em Giussani, *Spirto Gentil*, 2.

preocupação. Ali, alvejado por aqueles sentimentos, renova a certeza de que, se há tristeza, algo mais deve haver, pois, a tristeza não mais é do que a manifestação do desejo de um bem ausente.¹⁸⁰ Portanto, por oposição, apercebe-se de que não há pior anseio do que a resposta ao desejo do coração humano – que é o próprio Cristo – não suscitar interesse nem aceitação no Homem:

Nesta sonata, a melancolia, a tristeza, são um sinal claro e comovente de que nascer para a felicidade não é um fenómeno que diz respeito ao indivíduo; implica a pessoa de cada um e o destino de cada um. Esta tristeza combina-se paradoxalmente com uma leveza ou uma ternura - como documenta esta sonata com a sua doçura pacificadora -, ou mesmo com uma alegria porque, em última análise, há uma certeza: a certeza de que o mistério de Deus, fazendo justiça de tudo, realizando-se, vai salvar tudo.¹⁸¹

Neste gesto musical, que ficará marcado como único, Giussani é interpelado e deixa que se desvele qual a sua missão diante do Mistério; inaugura-se conscientemente aquela que deve ser a única aventura do seu estado de vida: anunciar Jesus Cristo e a todos mostrá-l'O como aquela chave que é capaz de melhorar a visão do mundo e da humanidade.

2.1.3. A concentração cristológica em Mozart.

Um dia ouvimos dizer que em Mozart é difícil distinguir os momentos em que estava sentado ao piano dos momentos em que podia estar a rezar, uma vez que a sua música é capaz de oferecer ao Homem uma experiência de oração. Neste sentido, percebe-se o porquê de alguns considerarem que a sua música é tão inestimável a ponto de conseguir tocar a essência do Homem, da Vida, do Absoluto; a sua música é como que uma analogia ao Mistério da Encarnação: «o próprio Deus faz-Se presente num momento particular da História e numa determinada cultura. Em certa medida, quase poderíamos dizer que Mozart fez com a música o que o Cristianismo realiza na fé: através de uma tradição particular torna-se possível chegar à plenitude da humanidade, torna-se possível conhecer a essência do Homem para salvar e redimir definitivamente».¹⁸² Curiosamente, parece-nos que Luigi Giussani comunga desta mesma opinião.

¹⁸⁰ Para o autor, a tristeza deve ser tida como a característica que indica o Homem aspirando ao/o Infinito. Aliás, como ele próprio nos diz, «a ausência de tristeza é a banalidade de uma *mens* quase “pateta”, despojada de pensamentos e de dignidade». Cf. Giussani, *Spirto Gentil*, 582. Tradução livre.

¹⁸¹ Cf. Giussani, *Spirto Gentil*, 146. Tradução livre.

¹⁸² Balthasar, Barth e Bento XVI, *Confissão por Mozart*, 9.

Ao comentar algumas das obras de Wolfgang Amadeus Mozart, encontra um lugar onde as constantes e conscientes perguntas «de onde somos e para onde vamos?» manifestam o quão nobre é a filiação divina. O pano que se vai costurando musicalmente é sintoma daquele que é o profundo e supremo espírito cristão deste compositor austríaco e consegue interpelar Giussani a reconhecer Aquele que sabia ser o Filho de Deus. Para tal, atendamos ao comentário feito a duas das obras mozartianas: o *Requiem* (K. 626) e a grande Missa em dó menor (K. 427).

2.1.3.1. Jesus Cristo: o olhar misericordioso de Deus.

Apesar de se reconhecer que Mozart não era um católico fervoroso e apresentava uma personalidade difícil, nada impede constatar que nos deixou um repertório litúrgico-sacro de grande valor, como é o caso do seu *Requiem*.¹⁸³ Escrito perto da hora da sua morte, evidencia-se o tamanho desejo da misericórdia divina. Com a sua potente maestria, consegue, segundo a leitura de Giussani, representar a maldade existente no coração humano, o ódio do mundo, mas, acima de tudo, estas realidades sob o olhar misericordioso de Deus. A música exprime, desde logo, a possibilidade humana de rejeitar Deus:

A palavra que melhor exprime esta rejeição é o esquecimento e esta indica uma experiência própria do adulto. Porque a criança distrai-se, mas o Homem não pode distrair-se. Por isso, o esquecimento é uma rejeição. Poderá haver maior injustiça ou crime? Imaginemos uma criança ainda no ventre da mãe, que pode pensar, que já é consciente, e que rejeita a sua mãe; nega, esquece a sua mãe, de quem é feita a cada momento através de uma gota de comunicação vital que lhe é dada. A injustiça do mundo é o esquecimento de Deus, a injustiça na tua vida e na minha vida é o esquecimento de Deus, este é “o crime” do qual derivam todos os outros crimes.¹⁸⁴

Todavia, é possível identificar a fonte da rejeição, a fonte do mal – aquele mal que por estar no mundo se torna nosso também. Se Jesus tivesse permanecido como o antigo símbolo do Deus feito menino – como fonte de ternura, de bondade, a evocação do bem, símbolo do valor moral –, seria aceite por todos; no entanto, quando começou a Sua missão – que não é simplesmente a de recordar valores morais, mas a de afirmar que Ele é o Salvador do mundo – a humanidade revolta-se:

¹⁸³ Cf. Balthasar, Barth e Bento XVI, *Confissão por Mozart*, 12.

¹⁸⁴ Giussani, *Spirito Gentil*, 29. Tradução livre.

Se isto é verdade, só Ele se torna o ponto de partida das características que a minha vida e a sociedade devem ter: a minha vida e a vida da sociedade devem depender d'Ele. Isto é intolerável para o mundo e, portanto, intolerável, não obstante as reticências, para nós próprios. O homem tem a pretensão de saber para que serve a vida; se ela não lhe dá o que ele deseja possuir, e da maneira que ele deseja, então rebela-se.¹⁸⁵

No entanto, a determinada altura do *Requiem* deparamo-nos com um cenário paradoxal. Àquele que é o «Rei da tremenda majestade» também Lhe é reconhecida a misericórdia: n'Ele, a justiça e a misericórdia unem-se; a misericórdia transborda e responde ao clamor do Homem, como o salmo nos diz: «Senhor, Meu Deus, pedi-te ajuda e tu me curaste» (Sl 30 [29], 3). Extraordinariamente, diante da distância que existe até ao Rei eterno, acorda docemente uma invocação de salvação:

Cada frase do *Requiem* (como a música evidencia) começa com a afirmação incontestada do domínio da justiça e da verdade, e, subitamente, é interrompida por algo que se intromete e suaviza essa dureza da justiça, essa afirmação acre da verdade, e suaviza-a numa pergunta, numa súplica que sabe que pode ser feita. “*Rex tremendae majestatis*”: Rei de terrível majestade, a quem nenhum homem pode tocar [...]. Mas, de repente, “*Qui salvandos salvas gratis*”, que tens a vontade de salvação, gratuita, amorosa, “*Salva me, fons pietatis*”, salva a minha vida, fonte de amor.¹⁸⁶

Neste sentido, este pequeno segmento da obra-prima de Mozart, e segundo podemos ler na reflexão de Giussani, oferece uma expressão sublime que ecoa a melodia da miséria humana, proporcionando uma ponte entre o divino e o terreno; miséria esta que é abraçada pela inesgotável «fonte de piedade» que é Jesus Cristo. A experiência musical do *Requiem*, impregnada por tamanha beleza, torna presente Aquele que sendo divino Se fez homem e nos convida à vida:

Jesus veio, [...]. A fonte da piedade vem, vem agora; como uma mãe olha e abraça o seu filho. Talvez a tenhais esquecido até agora, talvez a não tenhais conhecido até agora: agora ela está. Jesus vem e, sem se demorar, o que é que Ele faz? Não refuta os malditos, não calcula, não julga, não antecipa o juízo universal para evitar amargura eterna: Ele faz o Cristianismo. O que é que significa fazer o Cristianismo? O Cristianismo é o laço que Cristo estabelece contigo; não é o vínculo que tu estabelececes com Cristo, mas que Cristo estabeleceu contigo, que estabelece

¹⁸⁵ Giussani, *Spirto Gentil*, 30. Tradução livre.

¹⁸⁶ Giussani, *Spirto Gentil*, 31. Tradução livre.

contigo. Chama-se aliança, e Deus é fiel à Sua aliança. O Cristianismo é o acontecimento do vínculo que Cristo estabeleceu contigo. Então, é preciso dizer sim a esse laço. Dizer sim ao vínculo que Cristo estabeleceu contigo é a decisão para a existência.¹⁸⁷

2.1.3.2. A Presença que salva.

Como já tivemos oportunidade de esclarecer, a beleza musical é assumida por *Don Giussani* como a linguagem capaz de o fazer reconhecer em Jesus Cristo a encarnação da verdadeira beleza, a Beleza infinita, e de A desejar dar a conhecer às imensas vidas que com ele se foram cruzando. Isso é notório na consideração que faz acerca de uma das declarações do Credo presente na grande Missa de Mozart: «*Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine, et homo factus est.*» (cf. CEC 456).

Esta fabulosa composição que, segundo o autor, tem o seu cume no canto do *Et incarnatus est* (e Se fez carne), «é a expressão mais potente e mais convincente, mais simples e maior de um homem que reconhece Cristo. A salvação é uma Presença».¹⁸⁸ Este excerto musical, o mais extenso da obra, apesar de ser construído em pouquíssimas palavras, descreve o facto que revoluciona a história: o nascimento do Deus-Menino. Mozart consegue usar a sua arte para exprimir o mistério mais profundo da religião católica: a descida do Espírito Santo na Virgem Maria, a Encarnação de Deus. Sem abandonar o espírito de mistério, a composição musical eleva-se ao canto puro, expressão intraduzível da beleza, da pureza, da alegria. *Et incarnatus est* é a passagem mais longa desta obra, mas, paradoxalmente, desenvolve-se a partir de poucas palavras. Todavia, são nestas escassas palavras que descrevem o facto revolucionador da história da humanidade que Giussani encontra o fundamento do seu viver na exceção da Pessoa de Cristo.

Esta belíssima expressão musical é aquele canto no estado puro, «quando todo o tender do homem se funde na limpidez total, na pureza absoluta do olhar que vê e reconhece. [...] é contemplação e pedido ao mesmo tempo, fluxo de paz e de alegria que nasce do maravilhamento do coração quando é colocado diante do cumprimento de sua espera, do milagre da realização do seu pedido».¹⁸⁹ Diz ainda Giussani que, «se a intensidade religiosa da música de Mozart – uma genialidade que é dom do Espírito – penetrasse no nosso coração, a

¹⁸⁷ Giussani, *Spirto Gentil*, 32. Tradução livre.

¹⁸⁸ Giussani, *Spirto Gentil*, 54. Tradução livre.

¹⁸⁹ Julián Carrón, «Cristo é Algo quem me acontece agora», acessado a 10 de fevereiro de 2024, <http://arquivo.revistapassos.com.br/detail.asp?c=1&p=0&id=95>.

nossa vida, com todas as suas inquietações, contradições e fadigas, seria bela como a sua música». ¹⁹⁰

Portanto, o canto do *Et incarnatus est* – ou melhor, a compreensão destas palavras que nos dão testemunho do acontecimento em que o Mistério decidiu irromper na história do homem com uma história semelhante à de qualquer homem –, é uma excelente porta de abertura para a realidade, isto é, para um dos pontos de partida para o sentido religioso. No parecer do autor, possibilita ao homem aprofundar a realidade que se lhe impõe, considerá-la na sua totalidade e, conseqüentemente, indagar sobre o problema do sentido religioso e poder reconhecer que Jesus Cristo veio para apontar ao ser humano a religiosidade verdadeira: ¹⁹¹

Apareceu um Homem, um jovem Homem, nascido num certo vilarejo, num certo lugar do mundo geograficamente especificável, Nazaré. Quando a pessoa vai à Terra Santa, àquele vilarejo, e entra naquele casebre meio escuro no qual há uma inscrição com a frase “*Verbum hic caro factum est*” (“O Mistério de Deus, aqui, fez-Se carne”), até fica arrepiada. É o homem Jesus de Nazaré, escolhido para ser a humanidade do Verbo, a humanidade de Deus que é resposta ao coração do homem que Ele criou, resposta exaustiva e superabundante ao grito do coração que Ele criou; grito que reverbera no mistério da Trindade através da presença provocada pelo espírito de um judeu, nascido de uma mulher de dezassete anos. ¹⁹²

2.2. O mistério da música e o rosto de Cristo.

A música, enquanto arte, possibilita o encontro da humanidade com Deus: a música poderá ser a porta para o Mistério. ¹⁹³ As várias tradições religiosas utilizam a música como forma de expressar a divindade, no entanto, na perspectiva cristã, a música permite-nos ir mais longe e reconhecer um outro mistério: o mistério da Encarnação do Verbo.

Para *Don Giussani*, o mistério da Encarnação «estabelece o método que Deus achou oportuno escolher para ajudar o Homem a caminhar para Ele [...]: Deus salva o Homem através do homem». ¹⁹⁴ É no rosto de Jesus que nos é dado a reconhecer o rosto de Deus em traços humanos e, portanto, sendo Cristo a revelação concreta do Mistério de Deus, n’Ele encontramos a matriz para reconhecer o rosto do Pai. Neste sentido, a música que nos abre ao Mistério associa à dita revelação natural – o Homem diante do Infinito – a revelação em Jesus Cristo;

¹⁹⁰ Giussani, *Spirto Gentil*, 55. Tradução livre.

¹⁹¹ Cf. Giussani, *Na Origem da Pretensão Cristã*, 126.

¹⁹² Giussani, *Spirto Gentil*, 54-5. Tradução livre.

¹⁹³ Como já abordámos no ponto 2.3. do capítulo anterior.

¹⁹⁴ Giussani, *Na Origem da Pretensão Cristã*, 134.

aqui, somos inseridos numa outra relação: na relação com o Verbo feito carne, com a Verdade manifestada como Beleza.¹⁹⁵

A música, através da exploração das raízes existenciais, proporciona uma compreensão de que o ser humano, no contexto do encontro, é capaz de confrontar algo além de si mesmo. A música conduz a uma exploração paradoxal da interação entre o finito e o infinito, o exprimível e o indescritível, o visível e o invisível. A escuta musical é equiparada a um «parentesco interior» com a receptividade necessária para a Palavra de Deus manifesta no Verbo encarnado.¹⁹⁶ Este parentesco revela que a graça divina não é externa ou limitada a determinados contextos, tempos ou indivíduos, mas penetra profundamente na essência humana – «o Pai trabalha o barro humano e todas as coisas do mundo com as Suas duas mãos, o Filho e o Espírito Santo, Ele que é a Verdade, a Sabedoria e o Amor».¹⁹⁷ O dom divino colabora com a música para abrir uma passagem na qual a vida flui. A natureza imprevisível desse caminho estreito destaca a importância da escuta, lembrando-nos que «o vento sopra onde quer» (cf. Jo 3, 8), ecoando a ideia de que todo aquele que é nascido do Espírito experimenta uma trajetória imprevisível.

A nossa história não é fruto da determinação das circunstâncias, mas consiste num diálogo com Quem nos fez o coração e que, em cada momento, nos chama ao amor, à felicidade, à verdade, à beleza. Assim, deduz-se que aquilo de que necessitamos para existir não é nosso. O Homem, sentindo a sugestão das coisas – a criação canta – «é dominado pelo Mistério, por aquela qualquer coisa que todos os homens que nasceram no mundo identificaram com uma coisa ou outra, mas todos com este carácter misterioso».¹⁹⁸ Portanto, no princípio está o Mistério, «no princípio está o Verbo: o Verbo é o que dá o significado a tudo, aquilo de que tudo é constituído».¹⁹⁹ O mesmo Verbo, que é Mistério por excelência, fez-Se homem e veio habitar connosco, e nós vimos a Sua glória (cf. Jo 1, 14). É à luz desta Encarnação do Mistério que a própria música se compreende: assim como o Verbo assume a natureza humana para Se manifestar, também assume a musicalidade – que outra coisa não é senão a ordenação harmónica da sonoridade enquanto elemento da Criação – para Se revelar. Uma vez que todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele (cf. Col 1, 16), o canto que repousa nelas traz consigo

¹⁹⁵ Cf. Savorana, *Luigi Giussani: A Sua Vida*, 75.

¹⁹⁶ Cf. Philippe Charru, *Quand le lointain se fait proche: la musique, une voie spirituelle* (Paris: Seuil, 2011), 70.

¹⁹⁷ Charru, *Quand le lointain se fait proche: la musique, une voie spirituelle*, 71. Tradução livre.

¹⁹⁸ Luigi Giussani, *Toda a terra deseja o Teu rosto* (Lisboa: Paulus Editora, 2002), 61.

¹⁹⁹ Giussani, *Toda a terra deseja o Teu rosto*, 60.

os vestígios do Verbo: «tornar-se música é já também a viragem do movimento: não é apenas a encarnação da Palavra, mas ao mesmo tempo espiritualização da carne».²⁰⁰

Contudo, e sugere-nos o autor, há ainda um espaço, um lugar onde a música do Mistério, que é o próprio Verbo encarnado, encontra condições de Se manifestar distintamente. Atendendo ao hino apresentado no início deste trabalho, somos convidados a vigiar na espera antes da aurora, pois «tudo se cala e canta, no silêncio, o Mistério».²⁰¹ De facto, Deus também Se dá a conhecer no silêncio; no silêncio, surge uma música inigualável, que ultrapassa a dimensão humana e que só é captada através da escuta e da fé. Antes do alvorecer, dentro do silêncio do Mistério, o nosso olhar volta-se para o canto de um Rosto, o rosto da realidade d'Aquele que canta dentro da realidade; no silêncio, o mistério da música desvela o rosto do Deus verdadeiro, que não é objeto dos nossos pensamentos ou caprichos, mas é o rosto do Deus encarnado, do Infinito revelado num homem, de Cristo «que é tudo e está em todos» (Col 3, 11).

2.3. *A música, a máxima expressão: um povo que canta.*

A música, sobretudo o canto, tem desempenhado um papel multifacetado na história dos povos. Desde os tempos antigos até aos tempos atuais, o canto surge como expressão cultural, como meio de comunicação e transmissão entre as gerações, como instrumento para a vivência da fé, mas também como forma de protesto e revolução ou de ânimo e alegria. Contudo, em todos estes campos – religião, política, cultura ou identidade – o canto surge como uma exteriorização de um sentido profundo de pertença, de um sintoma de comunhão. Não é demais evocar a cena do filme *Joyeux Noël*, em que o canto de três partes distintas, unindo-se em coro sob a tradicional melodia do *Adeste Fideles*, declara tréguas para a celebração do Natal.²⁰²

Este exemplo, apesar de se situar historicamente, não se afasta muito da realidade cristã. Aliás, interpela-nos acerca da importância do canto no contexto comunitário que a nossa fé exige; no contexto de uma companhia dos crentes através da qual o Acontecimento da Encarnação do Verbo divino permanece na história – numa companhia doada onde a fé se experimenta e Cristo Se reconhece, e por Ele subsiste:

²⁰⁰ Secretariado Nacional de Liturgia, *Música Sacra nos Documentos da Igreja* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009), 201.

²⁰¹ Giussani, *Toda a terra deseja o Teu rosto*, 58.

²⁰² Escrito e produzido por Christian Carion, no filme *Feliz Natal* (2005) procura reviver uma história durante a Primeira Guerra Mundial: a trégua declarada por soldados de três exércitos (francês, escocês e alemão) para a celebração do Natal de dezembro de 1914.

A “companhia” de que falamos não é, portanto, uma realidade feita ou encontrada por nós. Ela é desejada, tornada consistente e permanente por um Outro. [...] O termo preciso que revela a ontologia, a natureza última deste cosmos humano, é “comunhão”, pela qual somos membros uns dos outros, pertencemos a um só Corpo, o Corpo de Cristo. Não existe Cristo na história sem nós, mas não existe um “nós”, a comunhão entre nós, sem Cristo.²⁰³

Não adentrando detalhadamente no significado das noções de «unidade» e «comunhão», aqui interessa-nos frisar a relevância da comunidade – de uma «companhia», diria Giussani – onde o canto surge como expressão emblemática d'Aquele que o originou. Mais, o canto, para o autor, é o ato em que se pode entrever a fidelidade à natureza do acontecimento cristão porque possibilita experimentar na nossa própria carne o que significa pertencer à comunidade por excelência que é a Igreja, o Corpo Místico de Cristo (cf. *MC* 1). E porque sendo o canto uma função da comunidade, nele também nos é permitido conhecer o método utilizado por Deus: o encontro; isto é, algo concreto, factual que se pode experimentar. Cantar é a expressão de alguém que se encontra com Cristo e se torna mais autêntico porque em Cristo encontra a liberdade.

Olhemos os discípulos de outrora. André, ao encontrar-se com Jesus, ficou de tal modo fascinado que a única opção era segui-l'O, mas também anunciá-l'O ao seu irmão Pedro (cf. Jo 1, 40); a aceitação de Cristo nas suas vidas tornava-os mais livres, isto é, mais completos. Assim acontece na música, sobretudo quando falamos do canto em companhia. Quando se canta em coro a nossa pessoa é valorizada na medida em que seguimos uma outra. Quanto mais se segue, melhor se faz e mais se enriquece, porque o que resulta do trabalho de todos é uma coisa mais bela e maior; e é mais bela e maior porque a sua origem está em Jesus Cristo. Neste sentido, conceber o canto como uma forma expressiva, como um modo de rezar, como algo que não é alheio à vida é conceber o canto como expressão de pertença. Alguém nos dava o seu testemunho após um encontro do Movimento católico Comunhão e Libertação (CL), cujo carisma veio até nós através de Giussani:

A verdade é que, mesmo depois de anos no conservatório, depois de ter cantado em tantos coros, eu nunca tinha visto cantar assim, como no Movimento... O que me impressionou não foi propriamente a qualidade vocal, o cuidado na preparação ou a boa escolha das músicas (embora tudo isso se verificasse e fosse estritamente necessário), mas como os momentos em que cantávamos tinham a ver com tudo o resto que vivíamos nesse fim-de-semana. A música não era

²⁰³ Giussani, Alberto e Prades, *Gerar Rasto na História do Mundo*, 59.

uma pausa do que vivíamos, mas uma extensão natural – estávamos juntos, sabíamos-nos alegres e livres – e por isso cantávamos. Queríamos que o nosso fim-de-semana fosse repleto de beleza – nos caminhos que percorríamos, nos textos que líamos, nos testemunhos que ouvíamos, na maneira como estávamos juntos – e por isso cantávamos. Era um cantar cheio de sentido, cheio de alegria e desejo, como eu nunca tinha ouvido. Surpreendia-me também a atitude de quem cantava – sempre sobrepondo a generosidade à timidez natural, nunca procurando o reconhecimento próprio (no CL, não se bate palmas depois dos cânticos). Quem cantava, não expressava apenas as notas da partitura, mas cantava toda a sua vida, com uma verdade inaudita, pondo em cada palavra o peso da sua própria experiência. (Quantas músicas, já sobejamente conhecidas, não percebi eu pela primeira vez após as ter ouvido cantadas por alguém do Movimento). Estava diante de pessoas com a consciência de que não se cantavam só a si, mas eram a voz do homem elevada para um Outro (um Outro a quem pertencem verdadeiramente as notas). Percebi que, no Movimento, a música não era um mero adorno, mas remetia para o centro de tudo, tinha a ver com tudo, era uma expressão do desejo que em tudo nos move. O momento que era escolhido, a escolha musical, o próprio arranjo, até o simples facto de cantarmos – tudo isto tem um porquê. E o porquê é sempre o mesmo: convocar o nosso olhar para a Beleza, em tudo aquilo que fazemos e vivemos. Depois deste fim-de-semana, o Movimento deixou de ser apenas um ponto de encontro de amigos - sabia que tinha encontrado no Movimento um lugar onde queria fazer caminho. Como diz uma música que tantas vezes cantamos: *la nostra voce canta con un perché* (cf. *Povera voce*, Adriana Mascagni). No Movimento, fiz essa experiência revolucionária: a experiência de usar a minha, nossa voz para cantar com um porquê.²⁰⁴

«Cantar com um porquê» foi sempre o que *Don Giussani* pretendeu, desejou e testemunhou. Através do canto e da escuta musical conjunta, educou milhares de pessoas na fé, levando-o a afirmar que quanto mais nos relacionamos com Jesus, mais o canto exprime beleza porque participa d’Aquele que é Belo. Dando à música o tempo e o espaço que merece, acreditava que através dela era possível testemunhar com entusiasmo, dar a conhecer a experiência cristã:

Não há outro método. Só podemos arrastá-los: quando as pessoas se encontram connosco nas montanhas e há um dos nossos coros a cantar canções alpinas, não é preciso insistir, as pessoas vêm logo cantar [...]. O essencial, porém, é que façamos a nossa parte para atrair, para envolver as pessoas na beleza. Todos nós notamos o silêncio total, a atenção e a atracção que se cria quando se ouve um canto bonito. As pessoas podem achar difícil cantar, mas quando se canta bem toda a gente fica maravilhada.²⁰⁵

²⁰⁴ Ver Anexo I, 75-6.

²⁰⁵ Julián Carrón, «Lo strumento principale di un’educazione», acedido a 14 de março de 2024, <https://it.clonline.org/cm-files/2012/03/01/lo-strumento-principale-di-un.pdf>. Tradução livre.

De facto, o desejo de transmitir aos jovens – e também aos adultos – as verdades profundas sobre a vida a partir de uma experiência pessoal e espiritual, faz com que *Don Giussani* utilize sistematicamente a música como instrumento privilegiado para dar forma aos vários momentos de encontro do CL. Aliás, para ele, o canto é tão vital a ponto de o distinguir como fonte e causa do Movimento. Diz-nos:

Na primeira missa da *Gioventù Studentesca*, a primeira em absoluto: ali nasceu o canto do Movimento. Estávamos reunidos na igreja de São Gotardo, em Milão. E dez minutos antes da missa pus-me a ensinar *Vero amore è Gesù* e *O côr' soave*. Movi as mãos como fazia o meu professor no seminário, cantei e acompanharam-me. Cinco minutos antes da primeira missa do Movimento nasceu o canto do Movimento. O início do canto do Movimento é o início do Movimento. Não há diferença. Nasce o Movimento e canta-se. Como uma criança com a mãe. Pertence-se e surge o canto. Sem pertencer, não pode haver um coro. Os coros não são impostos por decreto, nascem quando nasce o Movimento: também hoje [...].²⁰⁶

Num outro momento, ao comentar a dignidade da música enquanto demonstração dos sentimentos humanos, afirma ainda que «o canto é a expressão mais autêntica do homem, se o homem é homem, e é tal se pertence. O filho, quando a mãe está perto, canta. Assim, tão logo nasce o Movimento, mesmo que seja pequeno, mesmo que seja um fragmento, ele canta»;²⁰⁷ assim nasceu um povo, único no que canta e como canta.

²⁰⁶ Renato Farina, «A máxima expressão», acessido a 5 de março de 2024, http://arquivo.revistapassos.com.br/default.asp?id=411&id_n=2775&pagina=16.

²⁰⁷ Giussani, *Spirto Gentil*, 616.

CONCLUSÃO

Ao chegarmos ao término deste excuro, rapidamente nos apercebemos de que a Pessoa de Jesus Cristo foi o centro afetivo e racional de toda a vida de *Don Giussani*. Desde os tempos de seminário, o autor encontrou em Cristo o único ser capaz de satisfazer plenamente os anseios da humanidade; para ele, é evidente que em Cristo, pela sua dupla natureza, se revela o mistério de Deus e o mistério do Homem (cf. *GS 22*). E é a partir desta paixão pelo Homem-Deus que Giussani procura esclarecer as perguntas últimas tratadas n’*O Sentido Religioso*.

Como vimos, o sentido religioso do Homem assenta sob uma afirmação: «a fórmula do itinerário para o significado da realidade é viver o real sem cortes, ou seja, sem negar ou esquecer coisa alguma».²⁰⁸ Para o autor, é na séria experiência com a realidade – método singular para qualquer conhecimento e para a abertura ao Mistério –, que o Homem é despojado dos preconceitos e provocado a fazer determinadas perguntas, tais como: «porque é que vale a pena viver? Qual o significado da existência humana?».

Portanto, o sentido religioso, sendo aquela natureza original do ser humano pela qual ele se exprime de forma total em perguntas últimas, é o que leva à procura de uma resposta, de uma realização e de uma plenitude totais. Estas perguntas últimas, constituintes do sentido religioso, estão enraizadas no coração do Homem, dirigem-se ao fundo do ser e movimentam o Homem em busca de um significado para a existência. Ou seja, ao embater com o mundo, o ser humano descobre que o mundo funciona como sinal, que demonstra alguma coisa de um Outro; em última análise, o mundo é sinal da existência de um Mistério, de Deus. No entanto, surge aqui a «novidade».

Giussani, sem nunca deixar de se interessar pelo caminho que o Homem percorre para dar nome àquilo que acontece, que o interroga, que o entusiasma ou espanta, intui uma resposta às perguntas sedentas da humanidade que, ao longo de toda a história, reconheceu inúmeras manifestações do sagrado. Para ele, o sentido religioso do Homem, que se traduz pelas várias inquietações do coração humano, é esclarecido e educado por Jesus Cristo. Com o chamamento de Abraão, Deus «escolhe a história e o tempo como âmbito privilegiado de revelação».²⁰⁹ Portanto, dá-se uma inversão no sentido: já não é o Homem em busca de Deus, mas Deus em busca do Homem;²¹⁰ para ele, o Mistério ganha uma forma, adquire uma figura e é sobre esta moldura que assenta a sua proposta educativa:

²⁰⁸ Giussani, *O Sentido Religioso*, 151.

²⁰⁹ Giussani, *Na Origem da Pretensão Cristã*, 31.

²¹⁰ Cf. Camisasca, *Don Giussani*, 75.

O coração da nossa proposta é [...] o anúncio de um acontecimento que se deu e que surpreende os homens do mesmo modo que, há 2000 anos, o anúncio dos anjos em Belém surpreendeu alguns pobres pastores. Um acontecimento que se dá, independentemente de qualquer consideração sobre o Homem religioso ou não religioso. É a percepção desse acontecimento que volta a suscitar ou potencializa o sentimento elementar de dependência e o núcleo de evidências originais a que damos o nome de “sentido religioso”.²¹¹

Contudo, ao acontecimento de Cristo, Luigi Giussani associa um outro termo: a beleza. A tradição religiosa tem designado o mistério de Deus a partir do conceito de «beleza» e, segundo nos parece, tem sido uma chave preciosa para abrir caminhos à relação com Ele. Muitos foram os autores que teceram sobre este conceito; todavia, parece-nos que o autor, para chegar à conclusão de que Cristo é a Beleza infinita, parte daqueles que se debruçaram de uma conceção mais íntima e interior, como é o caso de Agostinho de Hipona, mas também de uma dimensão mais exterior e contemplativa, como São Boaventura. Em ambos, encontramos a certeza de que o Homem, como único ser capaz de Deus, e por isso com uma alma inteligível, consegue descobrir a presença do Criador, a Suma Beleza, através da contemplação da Sua própria obra da Criação, lugar central da Sua auto-manifestação. No entanto, não se esgota aqui. Se, de facto, Jesus é a revelação de Deus, e se Deus é a Beleza, o que é Cristo senão a Beleza encarnada? É precisamente esta a meta do autor que procurámos mostrar ao longo deste trabalho. Comungando da conceção de Hans Urs von Balthasar, Luigi Giussani admite reconhecer que em Cristo se concretiza a nossa relação com a beleza.

No entanto, o que tem isto a ver com a música? Como entendemos, segundo o autor, o sentido religioso é a capacidade que nos habita e que nos permite entrar em relação com Deus: é uma característica própria da existência. Contudo, o apelo que movimenta o sentido religioso no Homem, enquanto ser dependente, parte de Deus através da realidade criada; isto é, como o Verbo de Deus assume a natureza humana para Se dar a conhecer, analogamente, também assume a musicalidade para Se revelar. Portanto, a música – ou a beleza expressa musicalmente –, enquanto realidade criada, pode ser sinal de um Outro: escancara o desejo e é capaz de oferecer ao coração humano uma resposta há muito esperada: possibilita o encontro com Aquele que é a encarnação do Deus Criador – basta atender a toda a história do Cristianismo e de como a música aí se faz presente e entreabre na dimensão sensível a relação com o Mistério divino. Uma vez que a realidade não se esvazia naquilo que é imediatamente visível, mas é sempre

²¹¹ Giussani, «Un Avvenimento di Vita, cioè Una Storia», em Carrón, *A Beleza Desarmada*, 111.

indicativo de uma outra realidade, podemos dizer que a beleza musical, enquanto um aspeto da realidade, surge como sinal para a Beleza. O Homem, levando a sério o que lhe é dado a viver, maravilha-se com a realidade e, espantado, pode descobrir uma correspondência entre aquilo que ele diz da realidade e aquilo que o coração espera da realidade; neste sentido, segundo *Don Giussani*, podemos afirmar que a música é razoável, visto que possibilita a correspondência entre aquilo que uma pessoa diz da vida e as exigências que o coração tem sobre a vida – o cumprimento, a verdade, a felicidade.

Na música, uma arte digníssima que procura ser forma de expressão da beleza, Giussani encontrou-se com Cristo. Atendendo aos breves comentários, depressa entendemos que na vida do autor, e de tantos que com ele se foram cruzando, a música não se resume a um objetivo meramente estético – com um fim em si mesmo –, mas serve de acesso para um melhor entendimento de qual o sentido mais profundo da existência humana. Uma escolha cuidadosa de repertório, permite-nos perceber que, para o autor, a música não só enaltece uma *praxis* performativa, mas, e sobretudo, como acontece nas duas composições de Mozart mencionadas – parte do *Requiem* e no trecho do *Et incarnatus est* da grande Missa em dó menor –, exalta a palavra, e o seu significado, para que esta se enraíze em quem a executa e em quem a escuta.

Portanto, parece que Luigi Giussani nos responde às perguntas elaboradas e partilhadas na introdução – «Como é que o Homem pode chegar até Deus através da música? Como pode a música fazer-nos alcançar um maior relacionamento com Cristo?». Vejamos: se a música eleva a alma até à perceção do Bom, do Belo e do Verdadeiro absolutos e se, na perspetiva cristã, o Deus revelado em Jesus Cristo é, em si mesmo, fonte e suprema Bondade, Beleza e Verdade, a beleza musical (a música) eleva a nossa alma até ao Nosso Deus, Pai de Jesus Cristo.

Porém, surge-nos ainda uma outra problemática: «como pode a música em si – o puramente musical - dizer o mistério de Cristo?». De facto, o puramente musical abre-nos ao Mistério e esse Mistério, como já temos vindo a afirmar, é, para os cristãos, revelado na Pessoa de Jesus Cristo; ou seja, existe uma afinidade, ou mesmo uma analogia, entre o puramente musical e o mistério de Cristo. Para alguns, talvez o puramente musical seja insuficiente e, por isso, haja a necessidade de uma fonte externa – um texto litúrgico ou uma passagem bíblica – que seja capaz de introduzir, indicar e concretizar o próprio Cristo; para outros, parece-nos que é elementar reconhecer na linguagem musical desprovida de texto o Mistério de Cristo. E o que o torna possível? Mesmo não querendo acabar com as mesmas palavras com as quais começámos esta conclusão, inevitavelmente somos levados a crer que o puramente musical torna presente o Mistério de Cristo, na medida em que Cristo é uma realidade pela qual se está apaixonado, que se leva a sério. Olhando para a vida de *Don Giussani*, a atração a Cristo é

constante e isso facilita que ele, em tantos compositores cujas peças não nos pareçam, num primeiro instante, religiosas ou de cariz cristão – veja-se o exemplo da música de Beethoven, de Chopin, de Donizetti, e de tantos outros –, entreveja a Pessoa de Cristo e a exclame como a Beleza absoluta. Se o rosto de Cristo é o centro da nossa fé, então a paixão por Ele cuida, medeia e possibilita a leitura da densidade artística que O enche de Mistério. Assim, alguém já apaixonado por Cristo, com o desejo de se encontrar com Ele e de com Ele viver e configurar, como nos testemunha Luigi Giussani, consegue reconhecer na beleza musical o Seu Mistério.

«Se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O que era antigo passou; eis que surgiram coisas novas!» (2 Cor 5, 17). Esta criatura nova de que São Paulo nos fala encaixa naquele «em quem o sentido religioso se realiza na sua plenitude: razão, liberdade, afeição, desejo».²¹² Longe de querermos reduzir este assunto a um enaltecimento ao autor, parece-nos que nele a configuração a Cristo é visível. Cristo atraiu-o todo a Si, de tão belo que é.²¹³ E esta beleza, que também é expressa na música, é a única coisa capaz de despertar o desejo do Homem e de mover a sua afeição que possibilita a abertura da sua razão à realidade que se lhe impõe: «A atração de Cristo facilita [...] essa abertura, numa medida em que seria impossível sem Ele. A contemporaneidade de Cristo revela-se, pois, indispensável para viver plenamente o sentido religioso, ou seja, para se ter a atitude certa diante da realidade».²¹⁴

Assim, a existência de Deus, talvez a peça que se deva aceitar para descobrir qual o sentido da humana vida, não aparece a Luigi Giussani como fruto de uma explicação teológica ou filosófica, mas através da simples experiência de ouvir uma voz que se expressa em várias notas. Para ele, a realidade é sinal que conduz a uma outra que se acaba por descobrir como sentido de tudo. Por isso, a todos os que lhe perguntavam qual o caminho que desvela o segredo da vida, exclamava: «Viver intensamente o real!». Por isto, e perante o avanço de um mundo que pareceu ter voltado as costas à beleza – porque renunciou à verdade – *Don Giussani* nunca se queixou ou recriminou, mas incentivou e deu o exemplo de uma redenção humana encorajada pela paixão da verdade e por uma incansável curiosidade por tudo o que é belo. Ouvíamo-lo dizer: «quando os inimigos vierem exterminar o nosso povo, responderemos com a beleza das nossas canções».²¹⁵

²¹² Carrón, *A Beleza Desarmada*, 122.

²¹³ Cf. Julián Carrón, «*Cristo atrai-me todo a Si, tão belo é*: Exercícios Espirituais da Fraternidade Comunhão e Libertação 2007», acedido a 27 de março de 2024, <https://eventi.clonline.org/detail.asp?c=1&p=6&id=1418>.

²¹⁴ Carrón, *A Beleza Desarmada*, 123.

²¹⁵ Risé, *Don Giussani e la ricerca della bellezza*, 39. Tradução livre.

BIBLIOGRAFIA

I. Fontes

a) Obras do Autor

Giussani, Luigi. *Educar é um Risco*. Lisboa: Paulus, 2018.

_____. *Em busca do Rosto do Homem: contribuição para uma antropologia*. Rio de Janeiro: Sel Editora, 1986.

_____. *É Possível Viver Assim? (Fé)*. Vol. I. Coimbra: Tenacitas, 2008.

_____. *Na Origem da Pretensão Cristã*. Coimbra: Tenacitas, 2012.

_____. *O Sentido de Deus e o Homem Moderno: «A Questão Humana» e a Novidade do Cristianismo*. Lisboa: DIEL, 1997.

_____. *O Sentido Religioso*. Lisboa: Verbo, 2000.

_____. *Spirto Gentil: un invito all'ascolto della grande musica guidati da Luigi Giussani*. 1ª ed. BUR saggi. Milano: Rizzoli, 2011.

_____. *Toda a terra deseja o Teu rosto*. Lisboa: Paulus Editora, 2002.

Giussani, Luigi, Stefano Alberto e Javier Prades. *Gerar Rosto na História do Mundo*. Lisboa: Paulus, 2019.

b) Obras do Magistério

Bento XVI. Carta Encíclica *Caritas in veritate*. AAS 101 (2009). Acedido em 15 de outubro de 2023. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html.

_____. Carta Encíclica *Deus Caritas est*. AAS 98 (2006). Acedido em 11 de março de 2024. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html.

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

Concílio Vaticano II. Documentos do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações e mensagens conciliares. Editado por A. Duarte de Almeida, Valentim Marques e Margarida Osório Gonçalves. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2013.

João Paulo II. Carta Encíclica *Fides et Ratio*. AAS 91 (1999). Acedido em 10 de dezembro de 2022. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html.

Pio XII. Carta Encíclica *Mystici Corporis Christi*. AAS 35 (1943). Acedido a 5 de março de 2024. https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html.

c) Discursos e Mensagens

Bento XVI. «Audiência Geral» (31 de agosto de 2011). Acedido a 16 de outubro de 2023. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2011/documents/hf_ben-xvi_aud_20110831.html.

_____. «Discurso aos participantes no congresso da Federação Internacional dos “Pueri Cantores”». Acedido a 25 de outubro de 2023. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/december/documents/hf_ben-xvi_spe_20101230_pueri-cantores.html.

_____. «Discurso no final do concerto oferecido pela Academia Pianística de Ímola». Acedido a 10 de outubro de 2023. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20091017_concerto-imola.html.

_____. «Discurso no final do concerto oferecido pelo Governo do Principado das Astúrias». Acedido a 17 de outubro de 2023. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20111126_concerto.html.

_____. «Encontro com o clero de Bolzano-Bressanone». Acedido a 15 de outubro de 2023. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20080806_clero-bressanone.html.

Francisco I. «Discurso aos membros do Movimento Comunhão e Libertação». Acedido a 15 de outubro de 2023. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/october/documents/20221015-comunioneeliberazione.html>.

João Paulo II. «Carta do Papa João Paulo II aos Artistas». Acedido a 14 de setembro de 2023. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii LET_23041999_artists.html.

Ratzinger, Joseph. «Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação por ocasião do Meeting de Rimini». Acedido a 16 de outubro de 2023. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20020824_ratzinger-cl-rimini_en.html.

_____. «Homilia do funeral de Luigi Giussani». Acedido a 27 de abril 2023. <https://portugues.clonline.org/not%C3%ADcias/igreja/2022/02/28/ratzinger-funeral-giussani>.

d) Outras fontes

Bíblia Sagrada. Lisboa: Difusora Bíblica, 2008.

II. Estudos

a) Estudos sobre Luigi Giussani e a sua obra

Camisasca, Massimo. *Comunione e Liberazione: Le origini (1954-1968)*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2001.

_____. *Don Giussani: A Sua Experiência do Homem e de Deus*. Coimbra: Tenacitas, 2010.

Carrón, Julián. *A Beleza Desarmada*. 1ª ed. Cascais: Lucerna, 2016.

_____. «Cristo atrai-me todo a Si, tão belo é: Exercícios Espirituais da Fraternidade Comunhão e Libertação 2007». Acedido a 27 de março de 2024. <https://eventi.clonline.org/detail.asp?c=1&p=6&id=1418>.

_____. «Cristo é Algo quem me acontece agora». Acedido a 10 de fevereiro de 2024. <http://arquivo.revistapassos.com.br/detail.asp?c=1&p=0&id=95>.

_____. «Lo strumento principale di un'educazione». Acedido a 14 de março de 2024. <https://it.clonline.org/cm-files/2012/03/01/lo-strumento-principale-di-un.pdf>.

_____. «O Sentido Religioso, verificação da fé». Acedido a 24 de março de 2024. <https://portugues.clonline.org/passos/página-um/o-senso-religioso-verificação-da-fé>.

Carvalho, Alessandra S.. *O Senso Religioso e o Homem contemporâneo: uma reflexão antropológica filosófica na obra de Luigi Giussani*. Investigação. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. Acedido em 25 de novembro de 2022. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/2013>.

Farina, Renato. «A máxima expressão». Acedido a 5 de março de 2024. http://arquivo.revistapassos.com.br/default.asp?id=411&id_n=2775&pagina=16.

Manzi, Franco. «“Una cosa dell’altro mondo che è qui tra noi”. Inviti alla ricerca a partire dal libro *Il cristianesimo come avvenimento*. Saggi sul pensiero di Luigi Giussani». *Rivista Teologica di Lugano* 28, n° 1 (abril 2023): 189-206.

Risé, Claudio. *Don Giussani e la ricerca della bellezza*. 1ª ed. Venezia: Marsilio, 2006.

Savorana, Alberto. *Luigi Giussani: A Sua Vida*. Coimbra: Tenacitas, 2017.

b) Outra bibliografia auxiliar

Abbiati, Franco. *Storia della Musica*. Milão: Garzanti, 1956.

Aldazábal, José. «Gregoriano (canto)». Em *Dicionário Elementar de Liturgia*. 130. Prior Velho: Edições Paulinas, 2008.

Agostinho, Santo. *Confissões*. Traduzido por Arnaldo do Espírito Santo. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2004.

Aguiar de Castro, José Acácio. *Introdução à Estética e Teologia*. 1ª ed. Porto: Universidade Católica Editora, 2018.

Balthasar, Hans Urs von, Karl Barth e Bento XVI. *Confissão por Mozart*. 1ª ed. Cascais: Príncipe Editora, 2012.

Blanco Sarto, Pablo. *La teología de Joseph Ratzinger: una introducción*. Manuales Pelicano. Madrid: Ediciones Palabra, 2011.

Ciarocchi, Valerio. «Musica Sacra per *Viam Pulchritudinis*. Il dato teologico». *Rivista Teologica di Lugano* 28, n° 1 (abril 2023): 159-172.

Charru, Philippe. *Quand le lointain se fait proche: la musique, une voie spirituelle*. Les dieux, les hommes. Paris: Seuil, 2011.

- Cranmer, David. *Cantate Domino: Introdução à Música Sacra*. Lisboa: Paulus Editora, 2007.
- Della Corte, Andrea e Guido Pannain. *Storia della Musica*. Turim: Editrice Torinese, 1952.
- Domínguez Merino, Manuel. *Cantamos: melismas y tropos*. Mérida: Colección Eulaliense, 1995.
- Eliot, Thomas S.. *Poemas Escolhidos*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2016.
- Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.
- Gueullette, Alain. *Mozart Reencontrado*. Traduzido por Zeferino Coelho. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 1988.
- Henderson, Marie Thérèse. *Il velo sottile: il mistero della musica*. Universitas 8. Roma: Città nuova, 2011.
- Justino, *Apologia I*. São Paulo: Paulus, 1995.
- Leopardi, Giacomo. *Cantos*. Lisboa: Vega, 1986.
- Platão. *A República*. 9ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- Quintás, Alfonso López. *El poder transfigurador del arte*. Buenos Aires: Puerto de Palos, S.A., 2006.
- _____. *Estética musical. El poder formativo de la música*. Rivera Mota, 2010.
- Secretariado Nacional de Liturgia. *A Música Sacra dos Documentos da Igreja*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2009.
- Sequeri, Pier Angelo. *La risonanza del sublime: l'idea spirituale della musica in Occidente*. La spiritualità cristiana contemporanea 11. Roma: Ed. Studium, 2008.

Silva, Tiago. *Música e teologia, música como teologia: uma sonata teológica. A música na estética teológica de Pierangelo Sequeri*. Investigação. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2015. Acedido a 2 de outubro de 2023. <http://hdl.handle.net/10400.14/18288>.

Subirá, José. *História de la Música*. 3ª ed., vol. 1. Barcelona: Salvat Editores, S. A., 1958.

Tolstói, Lev. *O Que é a Arte?* Lisboa: Gradiva, 2013.

Tomás de Aquino. *Suma de Teología*. Vol. I. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994.

Valente, Joel. *A música ao serviço da fé: estudo sobre o pensamento de Joseph Ratzinger/Bento XVI*. Investigação. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2015. Acedido a 10 de outubro de 2023. <http://hdl.handle.net/10400.14/18799>.

ANEXO I

30/10/2023 – Entrevista a Margarida Vidal Grilo acerca da importância da música e do canto.

Interrogada acerca de qual o papel da música na sua experiência de vida no Movimento CL, Margarida, uma jovem trabalhadora, diz-nos:

«O meu primeiro encontro com o Movimento Comunhão e Libertação aconteceu quando estava no 10º ano, graças a um professor de religião - um homem especialmente carismático, que falava de Cristo com uma atratividade que era, para mim, totalmente nova. Comecei por acompanhar este professor e o grupo que o seguia na caritativa que faziam no bairro do Casalinho da Ajuda, depois começámos a fazer escola de comunidade juntos, e acabámos a combinar semanalmente sessões de cinema e copos – em tudo isto, atraía-me a companhia, as histórias, uma alegria desmesurada.

Uns meses depois de ter conhecido o Movimento, foi organizado um fim-de-semana do grupo dos Liceus na Serra da Estrela. Lembro-me pouco dos contornos do que fizemos nesses dias. Mas lembro-me bem de chegar a casa depois do fim-de-semana e de, quando os meus pais me perguntaram como tinha sido, responder com um olhar de criança fascinada “não imaginam como eles cantavam...”. Foi o que mais me marcou nesse fim-de-semana – “como eles cantavam!”.

O fim-de-semana foi pleno de música – na missa, à noite antes dos jogos ou de testemunhos, a meio dum passeio quando chegávamos ao topo da montanha, ou durante o passeio quando estávamos estafados a andar. Cantávamos tudo – desde cânticos a Nossa Senhora a música popular portuguesa, passando pelos grandes clássicos do rock e folk – com arranjos sempre cuidados e bem ensaiados, a privilegiar a simplicidade, sem grande ostentação ou estrelatos.

A verdade é que, mesmo depois de anos no conservatório, depois de ter cantado em tantos coros, eu nunca tinha visto cantar assim, como no Movimento... O que me impressionou não foi propriamente a qualidade vocal, o cuidado na preparação ou a boa escolha das músicas (embora tudo isso se verificasse e fosse estritamente necessário), mas como os momentos em que cantávamos tinham a ver com tudo o resto que vivíamos nesse fim-de-semana. A música não era uma pausa do que vivíamos, mas uma extensão natural – estávamos juntos, sabíamos-nos alegres e livres – e por isso cantávamos. Queríamos que o nosso fim-de-semana fosse repleto de beleza – nos caminhos que percorríamos, nos textos que líamos, nos testemunhos

que ouvíamos, na maneira como estávamos juntos – e por isso cantávamos. Era um cantar cheio de sentido, cheio de alegria e desejo, como eu nunca tinha ouvido. Surpreendia-me também a atitude de quem cantava – sempre sobrepondo a generosidade à timidez natural, nunca procurando o reconhecimento próprio (no CL, não se bate palmas depois dos cânticos). Quem cantava, não expressava apenas as notas da partitura, mas cantava toda a sua vida, com uma verdade inaudita, pondo em cada palavra o peso da sua própria experiência. (Quantas músicas, já sobejamente conhecidas, não percebi eu pela primeira vez após as ter ouvido cantadas por alguém do Movimento). Estava diante de pessoas com a consciência de que não se cantavam só a si, mas eram a voz do homem elevada para um Outro (um Outro a quem pertencem verdadeiramente as notas). Percebi que, no Movimento, a música não era um mero adorno, mas remetia para o centro de tudo, tinha a ver com tudo, era uma expressão do desejo que em tudo nos move. O momento que era escolhido, a escolha musical, o próprio arranjo, até o simples facto de cantarmos – tudo isto tem um porquê. E o porquê é sempre o mesmo: convocar o nosso olhar para a Beleza, em tudo aquilo que fazemos e vivemos. Depois deste fim-de-semana, o Movimento deixou de ser apenas um ponto de encontro de amigos - sabia que tinha encontrado no Movimento um lugar onde queria fazer caminho. Como diz uma música que tantas vezes cantamos: *la nostra voce canta con un perché* (cf. *Povera voce*, Adriana Mascagni). No Movimento, fiz essa experiência revolucionária: a experiência de usar a minha, nossa voz para cantar com um porquê. “Não imaginam como eles cantavam...” – dizia eu aos meus pais, ao regressar da Serra da Estrela. Pois, eu quero viver como eles cantam».